

Daniela Duarte de Freitas Oliveira

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO NA
ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA**

A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX

Vol I / Vol II

Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da UFMG
2010

Daniela Duarte de Freitas Oliveira

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA:

a interpretação da tradição católica a partir do séc. XX

Vol I / Vol II

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura.

Área de concentração: Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. André Guilherme Dornelles Dangelo

Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da UFMG
2010

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais e aprovada em 28 de agosto pela Comissão Examinadora:

Professor Dr. André Guilherme Dornelles Dangelo (Orientador)

Professora Dra Celina Borges lemos (UFMG)

Professora Dra Vanessa Borges Brasileiro (PUC Minas)

O48p

Oliveira, Daniela Duarte de Freitas.

A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea [manuscrito] : a interpretação da fé católica a partir do séc.XX / Daniela Duarte de Freitas Oliveira. - 2010. 2v. : il.

Orientador: André Guilherme Dornelles Dangelo
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Arquitetura religiosa – Séc XX-XXI. 2. Igrejas. 3. Simbolismo na arquitetura. I. Dangelo, André Guilherme Dornelles. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD: 726.5

A Deus, que sempre me guiou;

À Maria Regina, Niso, Cíntia e Ana
Paula: raízes e incentivo;

Ao Daniel e Maria Paula, pela
compreensão da constante ausência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque sem ele nada podemos fazer, e por ter me conduzido durante cada etapa deste percurso.

À toda minha família: marido e filha (Daniel e Maria Paula), meus pais (Maria Regina e Niso), irmãs (Cíntia e Ana Paula) por compreenderem as ausências, ajudarem no possível e no impossível, incentivarem e se alegrarem com as conquistas!

Ao meu orientador, Professor André Guilherme Dornelles Dangelo, pela competência, envolvimento e incentivo demonstrados no desenvolvimento deste trabalho.

Às Professoras Celina Borges Lemos e Vanessa Brasileiro, pelos conselhos, apontamentos e discussões travadas ao longo do curso.

Ao Professor Ivo Porto de Menezes pelas conversas sobre arquitetura religiosa e arte sacra, que foram mais do que essenciais para fundamentar minha pesquisa.

Ao Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, que muito contribuiu para afirmar meu interesse para essa pesquisa e, tornou possível meu trabalho junto ao DPCOM - Departamento de Projetos, Construção, Obras e Manutenção - da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Aos professores e funcionários do Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG, que contribuíram para meu aprendizado.

Ao Professor Leonardo Fígole, pelo conhecimento adquirido.

A todas as pessoas, que de alguma forma, contribuíram para essa dissertação.

A arte de construir (...) é a criação de formas vivas, e a Igreja (...) não é meramente um envoltório construído, mas um todo; edifício e pessoas, corpo e alma, seres humanos e Cristo, um completo universo espiritual – um universo, de fato, que deve sempre ser trazido novamente à realidade.

(RUDOLF SCHWARZ, 'Vom Bau der kirche')

RESUMO

O estudo enfoca a arquitetura religiosa católica a partir do século XX, com o intuito de apreender as permanências simbólicas alcançáveis pelos arquitetos modernistas e contemporâneos para dar forma e representação ao templo, em tempo dito “dessacralizado” porque materialista e espiritualmente plural. Fundamentalmente, traça um panorama historiográfico que serve de base para a análise da produção do espaço sagrado contemporâneo, compilando e sistematizando parte do legado eclesiástico projetado e/ou construído a partir de meados do século XX e século XXI. Em sincronia, apresenta suas condições de origem, razões e significados e analisa como os pressupostos do modernismo e dos movimentos reformadores como o Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II aplicaram-se ao fato arquitetural das novas igrejas, no sentido de identificar as estratégias e signos modernos válidos à prática arquitetural contemporânea.

Palavras-chave: Espaço Sagrado. Igrejas. Arquitetura Religiosa.

ABSTRACT

This study focuses on the Catholic religious architecture from the twentieth century aiming to seize the symbolic permanencies reachable by modernist and contemporary architects to give shape and representation to the temple, during a period said “desecrated” due to its plural materialism and spiritualism. Fundamentally, provides an overview of a historiographical panorama which serves as a foundation for the analysis of contemporary production, compiling and systematizing part of ecclesiastic legacy designed and/or built from the mid-19th and 20th centuries. In synchrony, presents its conditions of origin, reasons and meanings, and considers how the assumption of modernism and the reform movements like the Liturgical Movement and the II Vatican Council were applied to architectural fact of new churches in order identify the strategies and modern signs valid in contemporary architectural practice.

Keywords: Sacred space. Churches. Religious Architecture.

LISTA DE FIGURAS

		Página
01	Catedral de St. Denis	31
02	Catedral de St. Denis	31
03	Catedral Notre Dame de Paris	32
04	Catedral Notre Dame de Paris	32
05	Catedral de Amiens	34
06	Catedral de Amiens	34
07	Catedral de Chartres	35
08	Catedral de Chartres	35
09	Igreja de São Francisco – Salvador / BA	41
10	Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Ouro Preto / MG	43
11	Catedral Notre Dame du Rancy	50
12	Catedral Notre Dame du Rancy	65
13	Catedral Notre Dame du Rancy	65
14	Igreja St. Antonius in Basel	68
15	Igreja St. Antonius in Basel	68
16	Capela Ronchamp	69
17	Capela Ronchamp	69
18	Igreja St. Felix e Regula	71
19	Igreja Maria Konigin	71
20	Igreja St. Ana in Duren	73
21	Igreja St. Ana in Duren	73
22	Igreja St. Elisabeth in Opladen	75

23	Igreja St. Maria em Marco de Canavezes	76
24	Igreja St. Maria em Marco de Canavezes	76
25	Igreja Colégio Vila Maria	78
26	Igreja Colégio Vila Maria	78
27	Igreja de Mortensrud	80
28	Igreja de Mortensrud	80
29	Igreja do Jubileu	82
30	Igreja do Jubileu	82
31	Igreja São Francisco de Assis	85
32	Igreja São Francisco de Assis	85
33	Igreja São Francisco de Assis	85
34	Catedral de Brasília	87
35	Catedral de Brasília	87
36	Igreja Nova das Romarias	91
37	Igreja Nova das Romarias	91
38	Capela de Nossa Senhora da Conceição	93
39	Capela de Nossa Senhora da Conceição	93
40	Catedral Cristo Rei	95
41	Catedral Cristo Rei	95
42	Capela são Judas Tadeu – Paróquia são Dimas – BH/MG	98
43	Igreja Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Betim / MG	98
44	Igreja Paróquia Jesus Ressuscitado – Lindéia – BH / MG	99

SUMÁRIO

VOLUME I

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	TRADIÇÃO: A CRISTALIZAÇÃO DO SIMBOLISMO NO ESPAÇO SAGRADO.....	15
2.1	Simbolismo, Arquitetura e Espaço Sagrado.....	15
2.2	O significado dos templos cristãos na história.....	20
2.3	A escolástica e a arquitetura gótica eclesial: valores simbólicos e construtivos na exaltação do gótico.....	24
2.4	O Concílio de Trento e a arquitetura barroca.....	36
3	A LIBERAÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DO SIMBOLISMO A PARTIR DO SÉC. XX.....	46
3.1	O Movimento Litúrgico e sua importância para a concepção da nova arquitetura religiosa católica a partir do séc. XX.....	46
3.2	Concílio Vaticano II: afirmação e consolidação de novas diretrizes para a Igreja Católica	50
4	ANÁLISE DA PRODUÇÃO DA ARQUITETURA RELIGIOSA A PARTIR DO SÉCULO XX	63
4.1	Igrejas séc. XX e séc. XXI pré- Concílio Vaticano II – Europa.....	64
4.2	Igrejas séc. XX e séc. XXI pós- Concílio Vaticano II – Europa e América.....	75
4.3	Igrejas séc. XX e XXI – Brasil.....	84
5	CONCLUSÃO.....	96
	REFERÊNCIAS.....	103
	ANEXOS.....	107

VOLUME II

	INVENTÁRIO: LEVANTAMENTOS ARQUITETÔNICOS E FOTOGRÁFICOS	117
--	---	-----

1 INTRODUÇÃO

“ Não estará o sagrado – cabalmente definido por estes dois axiomas da fé: humilde conhecimentos dos nossos limites e mais a certeza de um além e de uma atenção misericordiosa ou temível, concedida pela onipotência à nossa condição humana?”

(ORCHSÉ, Madeleine, 1960)

À ação constante de pesquisas, descobertas e análises em prol do aprimoramento do conhecimento arquitetônico produzido na Academia, vinculam-se trabalhos de toda ordem e escopo, de maior ou menor rigor na captação de dados e apreciação crítica, fomentando calorosas discussões, ou apontando reflexões acerca de determinado assunto. Não posso aferir, em grau algum, onde se enquadra a pesquisa que ora apresento, nem o quanto formal, rigoroso, original e interessante o é. No entanto, devo dizer, logo de início, ser contribuição nascida da especulação e da paixão em investigar o espaço sagrado contemporâneo¹.

O foco na arquitetura religiosa católica a partir do século XX, partiu do intuito mais amplo de apreender e compreender a produção do espaço sagrado católico na arquitetura contemporânea, as permanências simbólicas, se é que elas existem, e as conquistas formais e funcionais alcançadas pelos arquitetos nesse período, no sentido de solver o inquietante problema de dar forma e representação pertinentes e inovadoras ao templo, em tempo dito “dessacralizado” porque materialista, egocêntrico e espiritualmente plural.

Proponho-me, pois, através deste trabalho, esclarecer as condições de origem, as razões e os significados das formas e simbolismos na construção do espaço sagrado contemporâneo, identificando como os pressupostos do modernismo

¹ Os termos utilizados neste texto: espaço sagrado, templo, igreja, arquitetura religiosa e arquitetura eclesiástica possuem o mesmo significado. Referem-se aos templos cristãos católicos.

e dos movimentos reformistas influenciaram a arquitetura religiosa contemporânea.

As igrejas projetadas e construídas a partir do século XX, encontram-se face a um conflito primordialmente colocado: o tecnicismo racionalista e o espiritualismo intimista da sociedade contemporânea, carregado de forte carga simbólica e desprendimento material, tradicionalmente vinculado como dado intrínseco ao programa do templo em todos os tempos da história da arquitetura.

Algumas faltas evidentes são inquietantes o suficiente para motivar o trabalho a que me proponho: em primeiro lugar foi o descarte da produção religiosa da bibliografia referencial do movimento moderno e pós-moderno, assim como o estudo detido nas academias. Salvo algumas exceções honrosas, são poucos os livros e breves comentários – notas em meio a parágrafos que tratam de outros assuntos – destinados ao programa religioso, se comparado com os demais programas.

“... um estilo que enfatiza tanta a franca exposição da função deveria ser especialmente adequado para os edifícios cuja função é evidente para todos porque é prática, e menos para edifícios cuja função é mais espiritual do que prática. Eis porque a arquitetura religiosa e a dos grandes edifícios cívicos ficam para trás.” (PEVSNER, 2002)

Seria por uma atribuída – mas não comprovada – perda de significado do programa religioso na lógica capitalista e materialista da sociedade contemporânea, que não justificaria atenção por parte dos arquitetos de vir a projetarem templos? O que aconteceu com a arquitetura religiosa contemporânea? Porque sua tipologia não tem servido de base para pesquisas e estudos, como acontece com os exemplares antigos, que são estudados até hoje, sob várias óticas? No decorrer de minha pesquisa, tenho percebido uma perda significativa da qualidade dos espaços sagrados contemporâneos. Percebemos hoje, a presença cada vez maior de “galpões” substituindo as

igrejas, ou igrejas que se perdem no cenário urbano. Passamos por elas e muitas vezes não percebemos sua existência.

Diante do exposto surgiram vários questionamentos e reflexões a serem investigados, tendo esta pesquisa o objetivo de decifrar como são concebidos os espaços sagrados na contemporaneidade, verificando a permanência dos princípios simbólicos tradicionais e como esses simbolismos, se é que eles existem, se manifestam na materialização da arquitetura religiosa católica contemporânea.

Nesse sentido cabem estudos mais aprofundados nesse segmento, inicialmente pela relevância do tema, tradicional e influente desde a instituição do cristianismo, no séc. IV, como religião oficial do Império Romano, disseminando a fé e proliferando a construção de templos cristãos em quantidade não mensurável até os dias de hoje. Historicamente devido ao forte papel da Igreja tanto na política quanto na sociedade ocidental, há de se considerar que, para as igrejas, sempre foram destinados os mais altos interesses e recursos, alcançando essa arquitetura - não raras vezes - à vanguarda dos avanços técnicos-construtivos e inovações estilísticas. Não há como negar a importância da arquitetura religiosa no panorama histórico da arquitetura e seu contexto é bastante complexo.

Esta dissertação se estrutura em três partes. A primeira se destina a um panorama historiográfico dos espaços sagrados católicos, abordando temas como: Arquitetura e Espaço Sagrado; O significado dos templos cristãos na história; A escolástica e a arquitetura gótica eclesial: valores simbólicos e construtivos na exaltação do gótico; O Concílio de Trento e a arquitetura barroca. Nesta primeira parte será verificada as bases sobre as quais a arquitetura religiosa se desenvolveu, fornecendo assim, subsídios para uma crítica ao espaço sagrado contemporâneo, que julgo ser pertinente e essencial para a compreensão do processo como um todo.

Na segunda parte será verificado como se dará liberação e a interpretação do simbolismo a partir do século XX, com o advento do movimento moderno e dos movimentos litúrgicos reformadores, como o Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II.

Na terceira parte será analisada efetivamente a produção da arquitetura religiosa católica a partir do século XX. A escolha das obras foi pessoal, e se deu devido ao fato de se tratarem de edificações exemplares recorrentes na bibliografia do segmento da arquitetura religiosa católica contemporânea. Um dos critérios para a seleção foi a disponibilidade de material que proporcionasse a análise. Cabe ressaltar que este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, muitas outras igrejas poderiam ter sido selecionadas, pois, no decorrer do trabalho foi verificado que existe um leque enorme de exemplares, o que dificultou a seleção. Outro critério foi mapear as edificações em países distintos, com o propósito de conseguir, através dessas igrejas, registrar a produção da arquitetura religiosa em vários locais. Por isso não cabe a este estudo uma análise exaustiva e profunda de cada edificação. Para facilitar a análise e para criar um documentário dessa produção arquitetônica, foi criado um inventário com ficha técnica, levantamentos arquitetônicos e fotográficos de cada igreja, catalogados no volume II. A ordem das igrejas foi disposta de forma cronológica à sua concepção e construção. Nesse mapeamento, as igrejas serão analisadas através de uma análise sintática, ou seja, estudando a construção lógica interna do seu sistema de símbolos, formas, técnicas e materiais.

Espero com a realização deste trabalho, a elaboração de um referencial que servirá de base para se entender o espaço sagrado contemporâneo, seus processos e contextos, fornecendo aos arquitetos atuais base para o fazer projetual dessa tipologia arquitetônica, que tem perdido espaço e exemplos significativos. Não tenho a pretensão de tocar a verdade absoluta sobre o assunto em quaisquer de seus aspectos, pois como apontara Harbemas, a modernidade é projeto inacabado.

2 Tradição: a cristalização do simbolismo no espaço sagrado

2.1 Simbolismo, Arquitetura e Espaço Sagrado

O pensamento simbólico é essencial para o ser humano, uma vez que o estudo do simbolismo ajuda no conhecimento do homem consigo mesmo. O homem recorre ao símbolo para expressar uma realidade abstrata, um sentimento ou idéia, que é invisível aos sentidos, e que dá sentido a sua vida, ou seja, faz com que o homem encontre um lugar no universo. “O homem necessita dar ao imperceptível uma forma perceptível, por isso a simbolização se produz em um contexto misterioso, já que o objeto simbolizado tem algo de inapreensível”. (SEBASTIAN, 1996, p.17). As religiões e alguns sistemas de pensamento recorrem aos símbolos para atuar diretamente sobre os problemas do homem. O homem para viver tem que se adaptar às condições de sua própria vida e ao universo, que não é físico e sim simbólico.

“O homem tem um a dependência tão grande em relação aos símbolos e aos sistemas simbólicos a ponto de eles serem decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência, provoca nele a maior ansiedade.” (GUEERTZ, 1978, p. 73)

Isso significa que a relação entre homem e símbolo é inata (no sentido biológico do termo) do homem, ou seja, o homem seria funcionalmente incompleto sem a ajuda de elementos simbólicos e padrões culturais.

Segundo Jung (1996), a mente do homem moderno conserva a capacidade de criar símbolos, e estes estão intrinsicamente ligados à história da espécie humana. O poder psicológico do símbolo irradia tanto na magia de suas formas como nas necessidades do espírito humano. A riqueza do símbolo nasce de sua entrada em direção ao mundo, por um caminho que vai além da razão, por isso o homem usa termos simbólicos para representar conceitos que não pode

definir ou compreender como um todo. Esta é a razão pela qual todas as religiões desempenham uma linguagem simbólica, ainda que, nem todos os símbolos têm uma motivação cristã ou religiosa, pois o homem cria símbolos inconscientemente e espontaneamente.

Segundo Durand (1988),

“(...) o símbolo enquanto signo remete a um significado indizível e invisível, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação.”

Nesse sentido, é através do poder de repetir, ou seja, da redundância e recorrência significativa dos sistemas simbólicos, que os mesmos conseguem a transcendência de seus significados. O símbolo jamais é explicado de uma vez por todas, mas deve ser sempre decifrado de novo.

Podemos dizer que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana. Segundo Mircea Eliade (1970) o estudo profundo da religião leva inevitavelmente ao simbolismo. A arquitetura religiosa guarda uma relação simbólica com uma concepção cosmogônica e essa relação, garante o poder significativo dos templos. O templo é o “lugar sagrado” por excelência e é a partir dele que os espaços adquirem sentido e realidade. Para o religioso o espaço não é contínuo ou homogêneo, há rupturas e há espaços mais significativos que outros: “(...) há um espaço sagrado, e por consequência forte e significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma: amorfos”. (ELIADE, 1970, p.35). Na visão de Durkheim (1981) o templo é um lugar sagrado, uma vez que possibilita os indivíduos tomarem consciência da coletividade da qual participam e da história que os une. Assim as grandes catedrais são referenciais para uma determinada sociedade ou cultura, por atribuir marcas no tempo e no espaço, e a sua arquitetura expressa essa sacralidade.

Segundo Geertz (1978), a religião deve ser entendida como um sistema cultural, onde “os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-los.” (GEERTZ, 1978, p. 77)

Podemos caracterizar o templo cristão como um espaço existencial, ou seja, que concebe o espaço como uma concretização de imagens ambientais que formam parte obrigatória da orientação do homem com o cosmos. Nesse sentido podemos definir o espaço existencial como um sistema relativamente estável de imagens do meio que rodeia o homem, e que indica que este espaço circundante é uma parte necessária à estrutura da existência.

“Desde a arte clássica (...), até o início da modernidade, a arquitetura afirma estabelecer uma relação de reciprocidade com o universo. O edifício se assemelha ao cosmos, e a sua construção à criação do universo. Dessa forma, um envia ao outro e, através da arquitetura, micro e macrocosmos se comunicam. O universo serve como modelo original para o edifício e este, reciprocamente, apresenta-nos o universo: o templo representa o mundo; mas o mundo, inversamente, é construído como um templo. Aqui, o reenvio é recíproco (...) e o edifício com aqui-tetura, isto é, ordem simétrica, reenvia ao mundo como modelo, isto é, harmonia, proporcionalidade universal.” (BRANDÃO, 1999, p.33)

Segundo Marx (1989), é preciso um olhar descentralizado e alheio ao fato arquitetônico para juntar esses dois conceitos: o espaço e o sagrado. A experiência com o espaço sagrado é uma experiência religiosa e, a princípio, dissociada de qualquer forma arquitetônica. O espaço sagrado interessa à arquitetura enquanto determinante do uso a ser dado a ele, sem que se discuta a sua natureza. Interessa ainda, pela forma que, na urbanística, esse espaço sagrado determina o uso e a planificação do solo comum e profano. No que diz respeito à religião, recortada pela questão espacial da arquitetura, encontramos

também uma trajetória de subjetivação dos espaços sagrados. O mundo exterior e objetivo se torna profano ao passo que, o mundo pessoal, da interioridade do indivíduo adquire o status de sagrado. Cabe ressaltar, que não se trata de falar apenas da dimensão religiosa da vida das pessoas como sendo um “nicho” reservado à experiência com o sagrado, mas de toda a vida referenciada nas experiências pessoais.

Nesse sentido, o homem necessita de idéias e convicções que dão sentido a sua vida e o permite encontrar um lugar no universo, ou seja, a missão dos símbolos é dar sentido à vida do homem. O Cristianismo ao tomar as grandes figuras e as simbolizações do homem religioso natural, volta a tomar também seus poderes sobre a psiquê profunda. Neste contexto, segundo Sebastian (1996), a grande originalidade do Cristianismo foi converter a mitologia em teologia.

Sempre houve pelo homem, a noção do sagrado e a necessidade de manifestá-lo na realidade cotidiana da vida na Terra, fato que assumiu maneiras diversas ao longo da existência humana, não só porque a interpretação da transcendência é própria de cada tempo, como porque a forma de expressá-la é característica de cada cultura. A eleição de símbolos e signos, da condição espiritual, é um caminho natural na historização, tenha ele clara percepção disso ou não.

Mais propriamente, poderíamos remeter aos significados dos bisões e cavalos das cavernas da Europa paleolítica ou dos santuários cosmogônicos como *Stonehenge*, no período neolítico, para dizer o quão distante, e não necessariamente cristão, é o desejo de expressar, pela arte, ou materializar pela arquitetura, a imaterialidade dos conflitos humanos ou a inefabilidade da fé.

As grandes civilizações antigas a seu turno, também estiveram amparadas na aura ascética dos valores espirituais. A estrutura social egípcia cultuou por

cerca de dez mil anos e vinte dinastias, o poder do Faraó como figuração terrena das forças superiores às quais sabiam pertencer e, em algum sentido, temiam, e isso pode, talvez auxiliar-nos a compreender a magnificência atingida pela arte, pinturas, esculturas que ricamente decoravam os templos destinados a si e aos deuses com o legítimo propósito de perpetuar a vida.

A índole pagã dos Gregos em nada contradiz a perfeição logo atingida na arte ou a monumentalidade austera e excepcionalmente expressiva dos templos erguidos em nome e honra de seus deuses. A fé panteísta cultivou a noção exata de que havia dois mundos interagentes, e com todas as forças do espírito, buscou representar o mundo divino que idealizava, fazendo o seu em semelhança, de modo a chegar à redenção experimentando o sagrado, que para os gregos só podia ser o belo e o perfeito, tendo a natureza como referencial. O homem alcançava excelência através das formas externas pelas quais as divindades se faziam presentes.

Basicamente a mesma expressão do sagrado esteve presente entre os Romanos, que perpetuaram as noções dos gregos no que diz respeito a valores espirituais amparados na natureza tangível, reflexo do Comos panteísta. A redenção romana também era o belo e o perfeito, mas o ideal espiritual era a conquista da glória e o poder terreno. O espaço sagrado romano é um espaço pagão, quase destituído de sacralidade, os templos cultuavam a soberba própria dos romanos em detrimento de um objetivo superior de consagração aos deuses, embora não ressentissem de valor artístico.

A idéia de redenção permeia o sentimento judaico-cristão desde o ano 300, pelo imperador romano Constantino. A aceitação da lei imposta e transfigurada por Jesus, o Cristo encarnado, sob os auspícios do amor, da humildade e da caridade, marca a história humana como momento no qual um único Deus é a razão e a fonte de toda a existência, e as conseqüências disso são, até hoje, decisivas e impressionantes. Este fato está na gênese de um processo de

representação do sagrado tão significativo, como não houve outrora, pelo menos em número. São apenas cerca de dois mil anos de história cristã, mas o culto à nova fé unitária fez proliferar a construção de templos dedicados a serem a “Casa de Deus” e espaço sagrado de manifestação do Espírito Santo, de Jesus e dos Santos. Podemos dizer que essa arte a serviço da fé, configura sem dúvida, um dos maiores legados culturais edificados no tempo, expressão legítima de uma condição divina nunca esquecida e cada vez mais buscada.

Assim fora que os artistas paleocristãos erigiram os templos, baseados na tradição romana referencial, representando o Cristo, e os milagres de sua vida e morte como forma de fundar uma tradição que relembresse, a cada momento, que um enviado dos céus estivera entre eles para dar legitimidade da transcendência do homem e exemplificar o caminho a seguir para a eternidade, e para a conquista do Paraíso.

2.2 O significado dos templos cristãos na história

Uma característica de todas as religiões é a existência de “espaços sagrados”, ou seja, locais associados com a realização dos atos de culto, e que, por essa razão, adquirem um valor especial para os seus fiéis. Isso se aplica tanto às religiões denominadas “primitivas”, com suas práticas animistas (atribuição de valores espirituais a elementos da natureza), quanto aos cultos de povos mais evoluídos. Isso quer dizer que sempre houve, pelo homem, a noção do sagrado e a necessidade de manifestá-lo na realidade cotidiana da vida, assumindo várias maneiras ao longo da existência humana, não só porque a interpretação da transcendência é própria de cada tempo, e a forma de expressá-la é característica de cada cultura. A criação de espaços sagrados (não necessariamente cristãos) é o desejo de expressar pela arte, ou materializar pela arquitetura, a doutrina de determinada religião.

“(…) o templo é o “lugar” por excelência e é a partir dele que os espaços adquirem sentido e realidade. Um templo guarda um caráter monumental, ou seja, busca ser a expressão tangível da

permanência. A monumentalidade de um edifício eleva-o acima das contingências temporais. (...) o templo é um lugar sagrado, pois possibilita aos indivíduos tomarem consciência da coletividade da qual participam e da história que os une. Assim as grandes catedrais são um referente para uma determinada comunidade, por atribuir marcas no tempo e no espaço, e a sua arquitetura expressa essa sacralidade.” (ABUMANSUR, 2000)

As grandes civilizações antigas, também estiveram amparadas em valores espirituais. Esse foi o caso dos gregos e dos romanos, com seus belíssimos santuários, bem como dos egípcios e das civilizações pré-colombianas (como os incas, os maias e os astecas), com suas monumentais pirâmides repletas de associações místicas. As conseqüências da instituição e consolidação do cristianismo são até hoje, como já foi dito, decisivas e impressionantes. São apenas cerca de 2000 anos de história cristã, período curto se considerarmos toda a história da humanidade.

A tradição judaico-cristã é bastante complexa, seus espaços sagrados possuem características distintas ao longo da história. Segundo o Antigo Testamento, “Jeová”, o Senhor, deu instruções precisas para a edificação de um santuário onde o seu povo pudesse cultuá-lo de maneira especialmente significativa. Tanto o tabernáculo, ou seja, a tenda portátil utilizada na época das peregrinações de Israel, quanto o magnífico templo construído posteriormente por Salomão, representavam ao mesmo tempo a presença de Deus no meio do seu povo e o mistério e a sublimidade do Ser Divino.

Também havia no judaísmo a consciência de que Deus não podia ficar confinado a um edifício, por especial que fosse. Jesus expressou essas duas correntes de tradição, por um lado reconhecendo e defendendo a santidade do templo, a “casa de oração”², e por outro lado relativizando-o ao indicar que o mais importante no culto a Deus não é o lugar em que ocorre, mas a maneira como é prestado – “em espírito e em verdade”³. Os primeiros locais de culto

² Ver passagem bíblica: Mt 21.12-13

³ Ver passagem bíblica: Jo 4.21-24.

utilizados pelos cristãos foram alguns recintos públicos e preferencialmente residências particulares, as conhecidas igrejas domésticas. Não se atribuía qualquer valor especial ou transcendental a esses lugares, mais ou menos como os judeus faziam em relação às suas sinagogas. À medida que as comunidades cristãs iam crescendo e as casas de famílias tornavam-se incapazes de abrigar todos os que se reuniam para fazer memória de Jesus e a partilha do pão, foi necessário adquirir outros espaços, casas maiores que fossem destinadas somente para o culto. Começa assim, neste período, o processo de ritualização e sacralização inclusive do espaço e dos objetos que se destinam ao culto. O mais importante não era a igreja como instituição ou como espaço físico, mas o povo de Deus, a família da fé, o Corpo de Cristo.

Através das perseguições e dos martírios, a concepção de espaço sagrado começou a alterar. Os lugares em que os heróis (mártires) da fé deram a vida por amor a Cristo, ou nos quais os seus corpos foram sepultados, passaram a ser altamente reverenciados pelos cristãos. Muitos desses templos, grandes ou pequenos, destacavam-se pela presença de relíquias, ou seja, objetos relacionados com Cristo, Maria e os santos (um pedaço da cruz, os ossos de um mártir, etc.), o que os tornava especialmente atraentes como centros de peregrinação. Em Roma e outras cidades imperiais, várias basílicas, foram transformadas em templos cristãos, sendo dedicadas aos mais diversos mártires. Sob a égide de Constantino a Basílica de São Pedro foi construída no local tradicional do martírio do apóstolo.

A Idade Média pode ser considerada o período em que o poder da Igreja Católica atingiu o seu ponto culminante. A nova posição de poder e esplendor da igreja gerou uma progressiva elaboração do culto, surgindo uma liturgia complexa e impressionante. A magnificência da igreja e o poder dos seus bispos expressaram-se em templos cada vez mais suntuosos e em uma liturgia altamente sofisticada. Foi esse o período das magníficas catedrais góticas, que substituíram gradativamente as pesadas estruturas do estilo românico, para se tornarem marcante o suficiente para representar o templo cristão até os tempos modernos.

“Os templos e outros locais sagrados adquiriram uma conotação profundamente mística e até mágica, apelando fortemente à mente e às emoções através dos sentidos: o impacto visual da arquitetura, o impacto olfativo do incenso e das velas, o impacto auditivo da liturgia e da música sacra. Em cada detalhe, os templos cristãos refletiam os novos entendimentos da fé, como a crescente separação entre o clero e os leigos, aquele ocupando a absida, onde ficava o altar, e estes a nave do santuário”. (MULLER, 2006)

Portanto, foi o Humanismo renascentista, cerca de quinze séculos depois do início da era cristã que proporcionou uma tomada de consciência e um passo decisivo no processo de amadurecimento do homem, que se julga, então autorizado a dividir com Deus o processo de criação através da arte, mudança substancial na percepção do homem em relação a si, a Deus e ao mundo.

No decorrer do tempo os espaços sagrados vem se modificando de acordo com a sociedade e o contexto cultural no qual se enquadram. As atitudes dos cristãos em relação aos espaços sagrados também tem variado ao longo da história, indo desde o “templocentrismo”, que considera o santuário como um lugar dotado de virtudes especiais, até o desinteresse pelos espaços religiosos em si mesmos. A maioria dos templos, sejam medievais, clássicos ou barrocos, de pedra ou de madeira, comportam de forma geral, um elemento de temor e respeito, de efusão e mistério, sem o qual não se reconhece o sagrado.

Na contemporaneidade, tempo dito “dessacralizado” por muitos, ouvimos dizer que o divino está “banalizado”, e que para o homem moderno não há mais valores espirituais permanentes, onde, o ser esquece o sagrado e as religiões esvaziam seu sentido nas preocupações mundanas. Acredito que o homem, muitas vezes, abole os valores imateriais para viver o fluxo fugaz dos acontecimentos. Neste contexto cabem os questionamentos: será que o homem contemporâneo realmente necessita de um espaço sagrado, seus significados e simbolismos? Ou sua fé “que é algo interior” já basta, onde o próprio corpo é o próprio espaço sagrado, e, portanto, as reuniões, ritos, celebrações podem ser feitas em “qualquer local”?

Podemos responder a esses questionamentos verificando o número crescente de construções de igrejas nas grandes cidades, principalmente nas periferias. Na arquidiocese de Belo Horizonte, por exemplo, são mais de 260 paróquias com aproximadamente 10 comunidades cada, isso equivale a mais de 2.000 igrejas edificadas, e a demanda por novas construções é contínua⁴.

Percebo que o homem moderno busca um refúgio espiritual no qual ele se apóia para conseguir suportar seus problemas e o caos da vida moderna. Não há como negar a importância psicológica e espiritual dos lugares em que as pessoas tem uma experiência especialmente profunda do sagrado. À luz das Escrituras, importa que a atitude em relação a esses locais seja equilibrada, valorizando-se o belo, o estético e o simbólico, mas evitando-se transformá-lo num fim em si mesmo.

2.3 A Arquitetura Gótica e a Escolástica: valores simbólicos e construtivos na exaltação do gótico

A arquitetura gótica desenvolveu-se na Europa, principalmente na França, durante a Baixa Idade Média, em meados do século XIII, e é identificado como o período das grandes catedrais. Enquanto o período Românico tem um caráter religioso tomando os mosteiros como referência, o Gótico reflete o desenvolvimento das cidades. Porém, deve-se entender o desenvolvimento da época, ainda preso à religiosidade, que nesse período se transforma com a escolástica, que detinha o monopólio da formação intelectual, contribuindo para o desenvolvimento racional das ciências, tendo Deus como elemento supremo. Esse processo de transformação ocorre de forma lenta, possibilitando maior abertura para o pensamento no século XIX.

O estilo gótico surge com o novo conceito espacial proposto pelo abade Suger na catedral de Saint Denis (figuras 1 e 2 – p.31), considerada a primeira

⁴ Dados fornecidos pelo Departamento de Projetos, Construção, Obras e Manutenção – DPCOM, da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte.

catedral gótica. Surger queria demolir as pesadas paredes, aumentar as pequenas janelas e dispensar a escuridão geral das abadias românicas, para se criar um novo interior, onde se fluiria livremente pelo espaço, sem divisões, onde as paredes seriam extremamente delgadas e onde, principalmente, a luz de Deus preencheria a igreja de maneira figurada e literal.

Após a construção de Saint Denis o estilo gótico se espalhou pela Europa ocidental. De sua origem, próximo de Paris, por volta de 400 anos, dominando a construção de igrejas, prefeituras, hospitais e universidades. O desejo e os recursos para construir em escala monumental, por muitas gerações, foram uma novidade. Esse compromisso refletia uma renovada confiança na capacidade tecnológica e humana. Auxiliada pelo enriquecimento das cidades e pelo aumento do poder e patrocínio da Igreja e da monarquia, a arquitetura gótica tornou-se uma característica urbana fundamental. A catedral gótica representava o interesse prioritário da Idade Média: a fé religiosa. A magnificência de uma catedral simbolizava a cidadela celestial, onde as almas virtuosas residiriam depois da morte. O seu esplendor – principalmente as altas abóbadas, que não serviam a nenhuma utilidade – mostrava o quanto a imortalidade transcendia as limitações terrenas. Não mais cheias de esculturas e desenhos tenebrosos, mas alta, imponente e iluminada, livre do fim do mundo, o povo é animado por um novo sopro de fé.

“Externamente, a primeira conseqüência visual é que o interior transparece no exterior, e a mensagem da igreja se irradia para toda a comunidade, oferecendo segurança e foco existencial.”
(BRANDÃO, 1999, p.43)

Podemos dizer que o gótico era uma arte imbuída da volta do refinamento e da civilização na Europa e o fim do bárbaro obscurantismo medieval. Foi nas universidades, sob o severo postulado da escolástica – Deus como unidade suprema e matemática -, que se estabeleceram as bases dessa arte eminentemente teológica. A verticalidade das formas, a pureza das linhas e o recato da ornamentação na arquitetura foram transportados também para a

pintura e a escultura. O Gótico implicava uma renovação das formas e técnicas de todas as artes com o objetivo de expressar a harmonia divina. A arquitetura gótica se apoiava nos princípios de um forte simbolismo teológico, fruto do mais puro pensamento escolástico: as paredes eram a base espiritual da Igreja, os pilares representavam os santos e os arcos e os nervos eram o caminho para Deus. Além disso, nos vitrais pintados e decorados se ensinava ao povo, por meio da mágica luminosidade de suas cores, as histórias e relatos contidos na Sagrada Escritura, servindo como modelo educativo para o homem conquistar um hábito mental escolástico, enfatizando o papel central da Igreja durante a Idade Média: fonte absoluta de todas as verdades e vértice reguladora de toda a pirâmide hierárquica da sociedade e valores do período.

A catedral gótica é a representação mais energética e ampla a sensibilidade medieval. Nela a mística e a escolástica, as duas potências vitais da Idade Média, e que costumam parecer em inconciliável oposição, permanecem intimamente unidas e profundamente compenetradas. Se o espaço interior é todo mística, o exterior do edifício é todo escolástica. (...) esse perfeito recobrimento entre arquitetura gótica e o espírito do século XIII, referenciado na escolástica, exemplifica a unidade da concepção filosófico-religiosa do mundo medieval.” (BRANDÃO, 1999, p. 40)

Nesse sentido há algo comum entre a arquitetura gótica e a escolástica que dificilmente pode ser considerado casual: sua coincidência no tempo e no espaço. Para compreendermos como o pensamento escolástico pode ter influenciado a arquitetura gótica, não devemos procurar estabelecer a relação no conteúdo conceitual da doutrina, mas concentrar a atenção sobre seu *modus operandi*.

A Santa doutrina, como escreve São Tomás de Aquino recorre ao intelecto humano não para comprovar a fé, mas para explicitar (*manifestare*) o que é exposto por aquela doutrina além da fé.

“Também para o arquiteto gótico, o que estabelece como função primordial do seu trabalho é tornar manifesta e visível a verdade da Sagrada Escritura, tal como o filósofo escolástico concebia como sua função principal esclarecer e desenvolver as verdades primeiras, articulando razão e fé” (BRANDÃO, 1999, p.50)

Neste sentido, utilizando a *manifestatio*, enquanto princípio de elucidação ou clarificação, que Panofsky chama de primeiro princípio organizador da escolástica, o arquiteto concebido escolástico retrata e materializa na catedral gótica a perfeição divina e o estímulo a fé, na tentativa de representação de todo o conjunto do conhecimento cristão da teologia. O princípio da *manifestatio*, “que assegurava o sentido e o enquadramento de seu pensamento, também determinava sua forma de exposição e essa forma se subordinava, pó assim dizer, ao postulado da clareza em nome da clareza.” (PANOFSKY, 2001, p.24).

Ao analisarmos uma catedral gótica, percebemos nitidamente esse “princípio de clareza” na sua concepção arquitetônica, através dos simbolismos presentes, que conseguiam transmitir a mensagem que a Igreja se propunha. Os templos cristãos desde sua origem concebem o espaço interior de forma diferente do exterior. Essa transição entre os dois mundos transforma-se num caminho a ser percorrido, onde a imagem da vida humana e profana tem como fim encontrar a Cristo. Isso se traduz na longitudinalidade das catedrais góticas. Geralmente, nas igrejas maiores havia uma longa nave central acompanhada de naves laterais, transeptos de norte a sul e um deambulatório em redor do coro, do qual muitas vezes irradiavam capelas. A trajetória do observador é o tema interior da construção, definindo o espaço à medida que nele se caminha. O espaço arquitetônico é dinâmico e tensionado entre o altar e a nave, a luz é utilizada de forma a proporcionar um espaço mais espiritualizado, como se fosse a própria mensagem divina. O fiel sente-se transportado para um mundo transcendental, onde se põe em contato com a luz de Deus, é o caminho da salvação, ao fim do qual faz-se a comunhão.

“O princípio da clarificação triunfou completamente. Assim como o apogeu foi regido pelo princípio da manifestatio, o apogeu gótico foi dominado, como já observou Suger, pelo que se pode dominar princípio de transparência.” (PANOFSKY, 2001, p.30).

A segunda condição de possibilidade dessa *manifestatio*, segundo Panofsky (2001), é a perfeita estruturação de um sistema de pensamento baseado no esquematismo, composto por divisão em partes e subdivisões. Assim a arquitetura não deve simplesmente sua representação aos valores e princípios da Igreja, mas revela também a ordem da criação, sistematizando-a em parte e conjuntos de partes – princípio da articulação. Podemos associar esses elementos simbólicos de ascensão das catedrais góticas com o esquematismo do pensamento escolástico através de seu sistema estrutural, que é composto por uma uniforme divisão hierárquica.

Ao contrário da igreja românica, solidamente plantada na terra, a catedral gótica é um movimento em direção ao céu. Tanto no exterior como no interior, todas as linhas da construção apontam para o alto. Especialmente, essa comunhão deve ocorrer no altar, onde reside o centro da ascensão. O milagre gótico de altura e luz só foi possível graças ao novo sistema estrutural, composto por pilastras, arcobotantes exteriores, contrafortes, arcos ogivais e abóbadas nervuradas, tudo sustentado por um delicado equilíbrio de forças. As abóbadas tornaram-se mais leves, os arcos plenos do estilo românico foram substituídos por arcos ogivais, parte do seu peso é distribuído externamente, por meio de arcobotantes, apoiados em contrafortes. Com esta solução de engenharia, foi possível reduzir a espessura das paredes e colunas, abrir numerosas janelas e elevar o teto a alturas impressionantes. As paredes são rasgadas por imensos painéis de vidro (vitrais), que inundam de luz o interior, aumentando a sensação de amplitude no espaço interno. As alturas vertiginosas ressaltam a idéia da pequenez do homem, diante da grandeza de Deus, é a desmaterialização arquitetônica. No exterior, as fachadas são quase sempre enquadradas por torres laterais, muito altas e arrematadas por flechas agudas. A tendência para o alto é reforçada por numerosas torrezinhas

(pináculos), que enfatizam a verticalidade. O resultado é um movimento vertical vertiginoso e uma impulsão mística que não favorece uma contemplação sossegada, mas sim um sentimento de êxtase, transcendência e admiração.

“(…) uma atmosfera diáfana e mística penetra no espaço e desperta no espectador um sentimento de sobrenaturalidade e transcendência. A mesma idéia de mimesis permanece presidindo os edifícios. Porém, não são mais os céus que chegam à terra, mas o homem que deve elevar-se à Deus e à graça divina. E a igreja é o edifício encarregado dessa ascensão, que nos põe em contato com verdades mais elevadas do que as encontradas no plano terreno. É dentro da igreja que o Deus Cristão – que não pode ser compreendido como abstração de fenômenos naturais, históricos ou humanos, mas só pela fé – se revela. É ela a portadora da mensagem religiosa, a única que providencia segurança existencial e espiritual para o homem do medievo: é preciso atingirmos o amor de Cristo para compreendermos o significado da vida.”(BRANDÃO, 1999, p.34-35)

Podemos dizer que a arquitetura gótica foi marcante o suficiente para representar o templo cristão até os tempos modernos. Escreveu Georg Heckner, católico, no manual “Praktisches Handbuch der Kirchlichen Baunkunst” “(…) que o estilo gótico é mais que suficiente para construir e decorar uma igreja (…) e que não há porque buscar um novo estilo (…) encontrá-lo seria tão impossível como o é encontrar um perpetuum novile” (HECKNER apud SCHELL, 1974, p.7).

“Segundo Norberg schulz, o Gótico conclui um período da cultura ocidental, denominado a “idade da fé”, no qual o homem experimenta uma progressiva compreensão da revelação divina e sua relação com o mundo. No gótico, Deus se aproxima de nosso mundo e se apresenta plenamente como a fonte de todo significado existencial, sem o qual nada se compreende. A fé é o ponto de partida. A igreja é a fonte das verdades. A catedral gótica é por onde Deus se aproxima do mundo dos homens.” (Norberg-Schulz apud Brandão, 1999, p. 46)

A arquitetura gótica, sua tendência para o alto e a insistência nas verticais manifestam o intento de transcendência onipresente ao homem, e o arrojado das estruturas, e a variedade e riqueza decorativas são testemunho do alto nível de experiência técnica. O gótico não foi apenas uma arte religiosa, mas uma arquitetura que representou e expressou o ethos religioso através de simbolismos. Não apenas fundou uma legítima tradição reclamada como própria em vários países, como estabeleceu as grandes catedrais.

Outro ponto importante é a função de referência na cidade que as catedrais assumem. Seu caráter monumental em conjunto com sua localização em pontos estratégicos, fazem com que o edifício se torne um referencial urbano de extremo significado, simbolismo e importância para a cidade e para o homem. Podemos perceber nas fachadas das catedrais góticas uma articulação entre o exterior e o interior, onde os simbolismos existentes no seu interior transcendem para o exterior. Nesse sentido, o espaço que a igreja abriga vai além do templo, e a catedral assume a função de objeto na cidade.

A seguir seguem análises sucintas de três catedrais referenciais do estilo gótico confirmado e exemplificando a presença dos valores simbólicos e construtivos na exaltação do Gótico.

Saint Denis: a primeira catedral gótica



FIGURA 1: Fachada Catedral de St Denis

Fonte: <http://www.google.com.br/images>



FIGURA 2: Interior Catedral de St Denis

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

Ao reformar sua igreja, o abade Suger utilizou elementos essenciais do estilo gótico – o arco ogival e a abóbada de nervuras – para promover suas crenças teológicas. Segundo o arquiteto, o homem se eleva à contemplação do divino através dos sentidos. A experiência visual da beleza prodigiosa de cor, luz, linha e espaço na arquitetura fazem o espírito ascender da glória material à fé imaterial, ou seja, o frequentador da igreja seria transportado deste mundo inferior para um mundo elevado. Comparando Deus à luz, Suger substituiu as paredes de pedra nas capelas radiais por vitrais simbolizando a luz divina. No ambulatório, trocou os pesados pilares por colunas delgadas. Submeteu todas as partes a um projeto holístico para criar um único volume amplo, onde as multidões e a luz pudessem fluir suavemente das capelas ao altar. Aumentou o tamanho e o número das janelas. Ao reconstruir a fachada oeste, instalou a primeira rosácea em duas torres, outra marca do estilo gótico.

A abadia de Saint Denis estabeleceu o padrão das catedrais góticas. Embora os ornamentos tenham se tornado mais complexos, com a evolução do estilo e cada país tenha contribuído com um toque particular, os elementos básicos permaneceram os mesmos. A elevação em três níveis tornou-se padrão no interior, com uma arcada de arcos ogivais, uma passagem estreita (o trifório) e um imenso clerestório com delicado rendilhado de pedras. Feixes de colunetas fixadas aos pilares se erguiam do piso até as abóbadas, criando uma linha contínua de elevação e verticalidade. As catedrais mantiveram o formato longitudinal e cruciforme das basílicas primitivas, com naves laterais, mas os braços dos transeptos ficaram bem mais curtos, reforçando o sentido de um conjunto espacial interno. O que mais surpreendeu foi o virtual desaparecimento das paredes, que se tornaram longas molduras para os vitrais. A pródiga estatuária na parte exterior, como as homílias nos vitrais ilustravam trechos da bíblia. Desta forma, todo o edifício se tornou fonte de ensinamentos da Sagrada Escritura.

Notre-Dame de Paris: o padrão de ouro



FIGURA 3: Fachada Notre Dame de Paris

Fonte: <http://www.google.com.br/images>



FIGURA 4: Interior Notre Dame de Paris

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

Na Idade Média, deve ter parecido ainda maior, pois Notre-Dame (1163-1250) foi a primeira catedral de escala colossal e o protótipo para todas que se seguiram. Uma catedral francesa que a precedeu, em Selins (iniciada em 1153), tinha abóbadas de 21m de alturas, ditas gigantescas. Com sua abóbada de nave de 35m de altura, pode-se imaginar com que admiração Notre-Dame foi reverenciada – o mais alto e extenso edifício até então projetado. Sua planta, compacta com um anel contínuo de capelas e transeptos não projetados, reforça o sentido de um espaço grande, porém coeso e unificado.

Para se ter um conjunto equilibrado e harmonioso em virtude de altura e comprimento tão monumentais, as paredes da nave são uma série de reentrâncias com pouca superfície lisa, As zonas horizontais (arcadas, galeria de tribuna, clerestório) conduzem o olhar da entrada ao longo do altar. Ao mesmo tempo, as linhas verticais das colunatas triplas se erguem do chão às abóbadas, criando a impressão de um movimento vertical dinâmico. Frisos delgados e arcos exageradamente esguios desmaterializam as paredes, fazendo-as parecer delicadas, sem profundidade. Os clerestórios também reproduzem o peso das paredes de alvenaria.

Os arcobotantes foram usados pela primeira vez em Notre-Dame e ocupavam 15m do exterior da igreja. Antes, os arcos na galeria do segundo andar serviam como suportes para as abóbadas e as paredes das naves. Quando as janelas na galeria da tribuna aumentaram de tamanho (sacrificando partes sólidas para permitir a entrada de mais luz), as abóbadas das naves precisaram de suporte adicional. Os arcobotantes estirados transmitem a pressão lateral do telhado e das abóbadas para os pilares externos. Com esse esquema, Notre-Dame alcança uma grande escala sem aparência maciça.

Amiens: efeito altura



FIGURA 5: Fachada Catedral de Amiens

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

FIGURA 6: Interior Catedral de Amiens

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A catedral de Amiens (1220) leva a progressiva busca pela altura na arquitetura quase ao limite. Seu exterior é tão meticulosamente rendilhado que se torna quase uma tela de filigranas. Até os arcobotantes são perfurados, parecendo renda. Com seus pináculos em forma de espiral, eles dividem o volume exterior atenuando sua magnitude.

Uma das maiores edificações medievais, a catedral de Amiens é a que tem o maior efeito de alongamento. Sua abóbada de nave, de 42m de altura, tem uma relação altura-largura de mais de 3 para 1, projetando uma impressão de altura arrojada. As arcadas de 20m são extremamente altas (comparas às de 10m de Notre-Dame de Paris), fazendo o primeiro nível parecer colossal. As janelas do clerestório são tão largas que as paredes superiores parecem se desmanchar em luz. Vitrificando o trifório para eliminar a última faixa escura na elevação, a luz invade as janelas em todos os níveis. As colunatas lineares que

se elevam do piso, as proporções dos pilares finos e o delgado esqueleto das paredes enfatizam o efeito aerodinâmico.

Chartres: o esplendor gótico

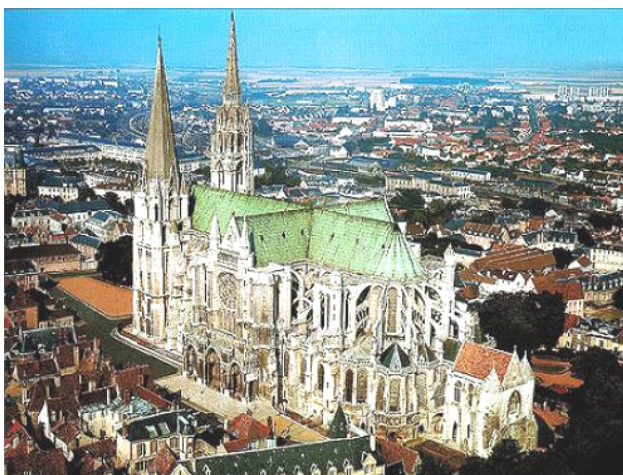


FIGURA 7: Volumetria da Catedral de Chartres

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

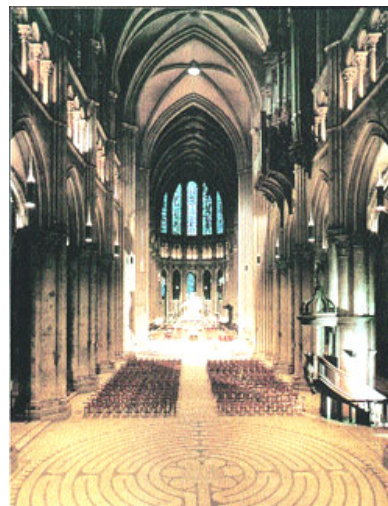


FIGURA 8: Interior Catedral de Chartres

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A construção da Catedral de Chartres data de 1145 -1220 e é considerado um dos exemplos mais inalterados da arquitetura gótica. A catedral foi construída para abrigar uma das relíquias mais sagradas da cristandade – a túnica usada pela virgem Maria quando de a luz a Jesus (STRICKLAND, 2003). A principal inovação do projeto foi eliminar o nível da tribuna, substituindo-o por um trifóreo baixo. Com os arcobotantes como suportes externos, o clerestório ficou tão alto quanto a arcada principal do primeiro pavimento. Essa transformação transformou o pavimento superior num cenário com um magnífico efeito luminoso ao interior do templo, em conjunto com os 8.000m² de vitrais.

A catedral de Chartres exemplifica as características clássicas do estilo gótico, com sua rosácea central, três portais esculpidos e duas torres. A agulha sul construída em 1160 representa a simplicidade do gótico, enquanto a torre norte, encimada por uma agulha *flamboyant*, pertence ao alto gótico. Outra

razão para a catedral ser considerada a síntese do projeto gótico é a presença do trabalho escultórico no seu exterior.

2.4 O Concílio de Trento e a arquitetura barroca

Como vimos, os séculos XII e XIII formaram o apogeu clássico da cristandade medieval, culminando no período gótico com as grandes catedrais. São vários os fatores que promoveram a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. As elites são alimentadas por uma nova visão de mundo, agora antropocêntrica, e por um certo retorno à antiguidade pagã. Os Papas do renascimento são mais voltados para as artes e as letras, tornam-se mais governantes, mais voltados para os assuntos temporais, que preocupados com os problemas de ordens eclesiásticas e para as questões espirituais.

Neste contexto a Igreja Católica vinha, desde o final da Idade Média, perdendo sua identidade. Gastos com luxo e preocupações materiais estavam tirando o objetivo católico dos trilhos. Muitos membros do clero estavam desrespeitando as regras religiosas, principalmente o que diz respeito ao celibato. Padres que mal sabiam rezar uma missa e comandar os rituais, deixavam a população insatisfeita.

A burguesia comercial, em plena expansão no século XVI, estava cada vez mais inconformada, pois os clérigos católicos estavam condenando seu trabalho. Os lucros e os juros, típicos de um capitalismo emergente, eram vistos como práticas condenáveis pelos religiosos. Por outro lado, o Papa arrecadava dinheiro para a construção da basílica de São Pedro em Roma, com a venda das indulgências, a venda do perdão.

No campo político, os reis estavam descontentes com o Papa, pois este interferia muito nos comandos que eram próprios da realeza. O novo pensamento renascentista também fazia oposição aos preceitos da Igreja. O homem renascentista começava a ler mais e formar uma opinião cada vez mais

crítica. Trabalhadores urbanos, com mais acesso a livros, começavam a discutir e a pensar sobre as coisas do mundo. Um pensamento baseado na ciência e na busca da verdade através de experiências e da razão.

Neste contexto surgem os conflitos religiosos que resultam na Reforma Protestante. Podemos destacar como causas dessa reforma os abusos cometidos pela Igreja Católica e uma mudança na visão de mundo, fruto do pensamento renascentista. Liderada por Martinho Lutero, a Reforma Protestante foi um movimento, que através da publicação de 95 teses contra a Teologia Escolástica e as 95 sobre as indulgências, protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo assim uma reforma do catolicismo. Lutero foi apoiado por vários religiosos e governantes europeus provocando uma revolução religiosa, iniciada na Alemanha, e estendendo-se pela Suíça, França, Países Baixos, Reino Unido, Escandinávia e algumas partes do Leste europeu, principalmente os Países Bálticos e a Hungria. A resposta da Igreja Católica Romana foi o movimento conhecido como Contra-Reforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. O resultado da Reforma Protestante foi a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes, originando o Protestantismo.

Segundo Lutero as obras do homem de nada servem para a salvação, nem os sacramentos na sua maioria, nem o Papado, *"a Igreja não seria nem depositária e nem interprete da Revelação"*. A Sagrada Escritura (Bíblia) apenas e exclusivamente seria a única fonte da "revelação e salvação" segundo a interpretação livre que cada fiel em particular lhe desse, diretamente inspirado por Deus. Em 1521 foi excomungado.

As doutrinas de Lutero tiveram boa aceitação: a doutrina de que "a fé sem as obras se justifica" resolveu o problema de muitas pessoas conscientes de seus pecados, mas desejosos de garantir a própria salvação. Segundo sua interpretação, dizia que o perdão e a vida eterna não são conquistados por nós

mediante boas obras, mas nos são dados gratuitamente por meio da fé em Jesus Cristo, O Filho de Deus, que morreu e ressuscitou para perdão de toda a humanidade. A possibilidade de se apropriar dos bens da Igreja atiçou a cobiça dos príncipes. Em 1546, quando Lutero faleceu, a Reforma protestante já abrangia mais da metade da Alemanha.

Em decorrência da reforma protestante, o mundo cristianizado ocidental, até então hegemonicamente católico, viu-se dividido entre cristãos católicos e cristãos não mais em acordo com as diretrizes de Roma. O catolicismo⁵ havia perdido terreno, deixando de ser a religião oficial de muitos estados da Europa e, conseqüentemente, o mesmo ameaçava se repetir nas novas colônias do Novo Mundo. Diante dos acontecimentos, surgiu a necessidade de reformas na igreja católica, a fim de e reestruturá-la e barrar o avanço protestante, conhecido como Contra-reforma ou Reforma Católica. Em 1545, convocado pelo Papa Paulo III, tem início o Concílio de Trento, ponto principal da Reforma Católica, que determinou um novo vigor para a Igreja Católica. O propósito do Concílio de Trento era fazer frente à Reforma Protestante, reafirmando as doutrinas tradicionais e arrumando a própria casa.

No Concílio tridentino os teólogos mais famosos da época elaboraram os decretos, que depois foram discutidos pelos bispos em sessões privadas. Interrompido várias vezes, o concílio durou 18 anos e seu trabalho somente terminou em 1562, quando suas decisões foram solenemente promulgadas em sessão pública.

No que diz respeito às doutrinas postas em dúvida pela Reforma Protestante, o Concílio de Trento nada fez senão confirmar o ensino tradicional católico. Enquanto os protestantes afirmavam que a Escritura Sagrada é a única regra de fé e prática dos cristãos, o Concílio colocava a tradição e os dogmas papais no mesmo pé de igualdade com a Bíblia. O Concílio declarou que a tradução

⁵ Para maiores informações sobre a história do catolicismo ver: COMBI, Jean. *História da Igreja*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Paulinas, 1975

latina da Bíblia, a Vulgata, era suficiente para qualquer discussão dogmática e só a Igreja tem o direito de interpretar as Escrituras. Também reafirmou a doutrina da transubstanciação, defendeu a concessão de indulgências, aprovou as preces dirigidas aos santos, definiu o sacrifício da missa, insistiu na existência do purgatório e ensinou que a justificação é o resultado da colaboração entre a graça de Deus e as obras meritórias do crente. Assim a Igreja aperfeiçoou e purificou seu passado.

Mas, no que diz respeito à melhoria da conduta do clero, o Concílio foi muito positivo. Formulou-se uma legislação com o objetivo de eliminar os abusos. Fugindo da tentação do luxo e das artes, definiu como missão essencial da Igreja e de seus pastores a salvação das almas. Os sacerdotes deveriam residir junto às paróquias, os bispos, na sede episcopal, monges e freiras em seus mosteiros e conventos. A Igreja deveria fundar seminários para preparar melhor, seus sacerdotes. A antiga inquisição foi reestruturada como um tribunal romano central, com o nome de Congregação do Santo Ofício. Para evitar confusão na mente dos fiéis, criou-se o índice dos Livros proibidos, listas de obras proibidas aos católicos. Algumas recomendações conciliares, devido ao fato de exigiram longos estudos, foram publicadas anos depois: o Catecismo romano em 1566, o Breviário romano em 1568 e o novo Missal Romano em 1570, que vigorou até 1969.

A última sessão do Concílio de Trento aconteceu no dia 4 de dezembro de 1563. Nesse dia foram lidas todas as decisões tridentinas - todo o texto ou apenas seus começos - e encaminhadas ao Papa Pio IV para aprovação final, o que ocorreu menos de dois meses depois, em 26 de janeiro de 1564.

O concílio de Trento não pode restabelecer a unidade. Infelizmente a cristandade ficou definitivamente dividida entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Protestante. De um lado os estados protestantes, seguidores de Lutero que propagavam o “espírito científico”, o racionalismo clássico, a liberdade de expressão e pensamento. De outro, os redutos católicos que seguiam uma mentalidade mais restrita, marcada pela inquisição, e pelo teocentrismo

medieval. Os dois lados não tinham mais condições de um diálogo verdadeiro e a Igreja Católica não poderia renunciar a ser ela mesma. O período que se seguiu foi marcado por uma grande renovação da vida católica, a Igreja ressurgiu da crise fortalecida e revigorada doutrinal e espiritualmente. Podemos dizer que o Concílio de Trento foi a auto afirmação da Igreja como sociedade universal de salvação contra as diversas formas de individualismo e subjetivismo que se faziam sentir fortemente no limiar da Idade Moderna.

Houve uma certa lentidão na aplicação das normas da Reforma, com favorecimento ao conservadorismo. Ainda se tolerava o acúmulo de benefícios eclesiásticos. Passar da Igreja medieval-renascentista para a Igreja tridentina foi uma tarefa que exigiu décadas. Todos eram favoráveis às normas da Reforma, desde que não atingissem seus privilégios particulares.

É nesse clima que se desenvolveu a arquitetura barroca, estilo artístico da Reforma Católica. O estilo barroco nasceu da crise de valores renascentistas ocasionadas pelas lutas religiosas e pela crise econômica vivida em consequência da falência do comércio com o Oriente. O homem neste período vivia um estado de tensão e desequilíbrio, do qual tentou evadir-se pelo culto exagerado da forma, sobrecarregando a poesia de figuras, como a metáfora, a antítese, a hipérbole e alegoria.

Segundo Strickland, a extravagância barroca surgiu como forma de oposição às igrejas protestantes, que depois da Reforma, foram despojadas de ornamento, reduzindo-se à pureza calvinista. Quando a Igreja Católica ressurgiu e lançou seu ambicioso programa de construções, estimulou o oposto ao minimalismo. Os oficiantes da Igreja arregimentaram toda a arte, música, pintura, escultura e, sobretudo a arquitetura, para criar uma atmosfera mística e uma devoção acentuada. Não queriam privação, mas ostentação.



FIGURA 9: Interior Igreja de São Francisco – Salvador / BA
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:StFranciscoChurch2-CCBY.jpg>

Todo o rebuscamento que aflora na arte barroca é reflexo do dilema, do conflito entre o terreno e o eclesial, o homem e Deus (antropocentrismo e teocentrismo), o pecado e o perdão, a religiosidade medieval e o paganismo renascentista, o material e o espiritual, que tanto atormenta o homem do século XVII. A arte e a arquitetura assumem assim, uma tendência sensualista caracterizada pela busca do detalhe, num exagerado rebuscamento formal.

Pode-se dizer que o sistema fechado e hierarquizado pela escolástica e pela religião sofrera um abalo e fora submetido, no Renascimento, a um sistema ordenado pela racionalidade antropocêntrica e geométrica. As divisões religiosas e as mudanças nas concepções científicas, filosóficas e políticas acabaram por desintegrar esse mundo unificado e absoluto e povoaram o homem de dúvidas, conflitos e um sentimento de alienação frente a esse mundo. O barroco é a expressão de um homem que busca a segurança perdida, e parte para a criação de um novo sistema, uma nova ordem segura e absoluta que lhe sirva como fonte de certezas, e substitua o cosmo perdido. (BRANDÃO , 1999, p 138)

O Concílio de Trento traz de volta a santa inquisição, este órgão vai dissimular o terror e o medo na sociedade, o homem que quer viver, mas teme a morte. Surge um sentimento de dualidade do bem e do mal, do certo e do errado, da luz e da escuridão. O homem barroco sente-se dilacerado e angustiado

diante da alteração dos valores, dividindo-se entre o mundo espiritual e o mundo material. Ele tem consciência de que a vida é efêmera, passageira, e por isso, é preciso pensar na salvação espiritual. Mas já que a vida é passageira, sente, ao mesmo tempo, desejo de gozá-la antes que acabe, o que resulta num sentimento contraditório, já que gozar a vida implica em pecar, e se há pecado, não há salvação. Esse sentimento dúbio é característico do barroco e se manifesta na arquitetura de forma bastante clara, principalmente nas igrejas barrocas.

O edifício barroco (...) deveria converter-se em centro que representasse as peculiaridades fundamentais e os dogmas básicos do sistema ao qual o indivíduo devia pertencer e no qual deveria se referenciar. Ao sistema portanto interessava, portanto persuadir o cidadão, seduzi-lo através do impacto visual, da imaginação e do arrebatamento. Por isso, o mundo barroco, se assemelha a um grande teatro no qual cada um desempenha seu papel. (BRANDÃO, 1999, P 138).

Assim, podemos dizer que a arquitetura barroca exprime a subjetividade do homem moderno e é isso que define a sua aché. Em vez de uma esfera perfeita, a forma principal do barroco é a oval, a elíptica, onde as paredes curvas ondulam, contorno recuam e se projetam. A escala monumental, os materiais ricos, a iluminação dramática e a ornamentação pesados dos edifícios barrocos tinham por objetivo a propaganda. A arquitetura do século XVII dava forma visual ao poder da Igreja e do monarca, que governava por direito divino.



FIGURA 10: Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Ouro Preto / MG

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/lelorj/392663604/>

Segundo Norberg Schulz (1973), a igreja barroca se estrutura pela inter-relação de três elementos: “a porta, o caminho e a meta arquitetonicamente centralizados na fachada, na nave e na cúpula. Os três elementos colaboram e, ao mesmo tempo, se reforçam mutuamente”. Nesse sentido a tipologia e protótipo das igrejas barrocas se configuram na nave longitudinal, que abandona esquemas centralizados do Renascimento, permitindo e recuperando o sentido do caminho horizontal da redenção, o qual contrasta com o acentuado eixo vertical da cúpula, vista não mais como símbolo de uma abstrata harmonia cósmica, mas como forma que detém o movimento e arrebatada o fiel ao final de sua caminhada. Nesse caminho a ser percorrido, o caminho da salvação, a presença de elementos simbólicos é fundamental e se converte num grande teatro persuasivo da Igreja Católica, levando e transmitindo a mensagem da igreja para seus fiéis, o temor a Deus e a busca pela salvação. Esses simbolismos se manifestam de forma clara na arquitetura barroca, através do jogo de luz e sombra, da fusão entre escultura e arquitetura, do grande rebuscamento interior. Ao adentrarmos numa igreja barroca, podemos perceber essa atmosfera diáfana e mística que nos envolve

e que nos emociona, impulsionando-nos para o perdão a Deus. Podemos dizer que nas igrejas góticas a arquitetura leva a terra ao céu, nas igrejas barrocas o céu desce a terra.

Também tiveram influência no desenvolvimento do estilo barroco os largamente divulgados livros de arquitetura⁶ de Serlio (1554), assim como os tratados de Pietro Caetano (1554 e 1567) e Carlo Borromeo (1577). No tratado de Pietro Caetano, (...) *é feita a asserção de que a ornamentação interna de uma igreja deveria ser mais nobre do que a parte externa, assim, como o “espírito e divindade que constituem a parte interior de Jesus Cristo são mais nobres do que sua parte exterior, ou seja, seu corpo.”* (FRADE 2006).

Segundo Copola, a obra de Carlo Borromeo foi criada marcando a saída do Concílio de Trento e a criação das instâncias sinodais de organização a serviço da fé. Foi a primeira iniciativa quanto à preocupação de se estar regulamentado tudo aquilo que faz parte da liturgia católica, fazendo referência à arquitetura e paramentos sacros. A ação reformadora de Borromeo na restauração do culto católico se expressa de modo claro nos tratados publicados que deveriam nortear até a mais simples das capelas. Sua obra é fruto de um momento preciso e de grande valor para a história da Igreja Católica. A situação pré-tridentina era de grave desordem. Borromeo pretendia criar ordem e dar clareza ao ambiente ideal para a celebração litúrgica, reestruturar a diocese e instruir os visitantes através de um manual com respostas claras às determinações tridentinas, de ordem prática e ideológica.

“O espaço arquitetônico desenhado por Borromeo é o espaço litúrgico na medida em que assume uma função moral, que é didática enquanto se propõe como salvação. Era necessário que até as formas das coisas se propusessem no interior das igrejas como

⁶ Mesmo tendo o Concílio de Trento ocorrido em meados do século XVI, os tratados de arquitetura tiveram realmente ao acesso de todos quando de suas traduções: para o latim no final do século XVII, para o Italiano em meados do século XVIII e para outras línguas a partir da segunda metade do século XIX. (COPOLA, 2006)

renovado sinal de uma constante atuação das virtudes teologais e dos preceitos, destinados a transformá-las em prática quotidiana. (...) As instruções de Borromeo constituem a única aplicação do decreto tridentino ao problema da arquitetura com a finalidade de reformar a fábrica eclesiástica que se encontrava em total abandono, sendo que o espaço sacro era considerado semelhante ao espaço público urbano.” (COPOLA 2006)

Segundo Borromeo a Igreja deveria ser o lugar onde as características espaciais, funcionais e formais conduziria o homem ao percurso espiritual que se concluiria na adoração de Cristo. Observa-se a preocupação do ideal teológico e litúrgico da Contra-Reforma: a centralidade da eucaristia, que elimina qualquer separação que impeça o fiel de contemplar a celebração.

3 A liberação e a interpretação do simbolismo a partir do séc. XX

3.1 O Movimento Litúrgico e sua importância para a concepção da nova arquitetura religiosa católica a partir do séc. XX

No decorrer da história, a Igreja, elemento norteador de uma sociedade produziu muitas características do mundo atual, desde o núcleo urbano até a arquitetura religiosa, influenciando as edificações civis com suas técnicas construtivas e materiais. A princípio, as qualidades arquitetônicas exteriores da igreja vivificam sua tipologia pela repetição de formas e elementos usualmente empregados no decorrer da história religiosa cristã. Emprega-se no frontispício, geralmente de uma a duas torres e frontão triangular, caracterizando-se uma arquitetura religiosa.

A situação da arquitetura religiosa católica no final do século XIX e início do século XX, se caracterizou pelo ecletismo, marcada pela planta longitudinal basilical ou pela planta central, sem grandes inovações, geralmente repetindo os estilos do passado. No interior das igrejas desse período estão presentes uma série de elementos devocionais, o presbitério demarcado por um programa hierárquico, que delimita os fiéis e o clero por meio de uma plataforma no altar-mor, um artifício estamental, distanciando a assembléia de uma participação ativa na celebração. Segundo Frade (2007) o distanciamento dos fiéis segue também em outros âmbitos, a ponto de haver uma dificuldade enorme de diálogo entre a Igreja e a sociedade moderna nascente. Com a modernidade e a busca da igualdade social, principalmente depois da Revolução Francesa, o programa e o partido arquitetônico voltam-se de maneira a atender esse ideal. Mas somente com o Movimento Litúrgico surgido, em especial na França (revista *L'Art Sacré*), na Bélgica (revista *Maison Dieu*), na Alemanha (Klosterneuburg), no início do século XX, esses ideais são debatidos e passam a se projetar e modificar as igrejas.

O modernismo⁷, em conjunto com o Movimento Litúrgico, na Europa do século XX, afirma-se enquanto movimento cultural caracterizado pela busca de uma arte e de uma arquitetura que renunciavam aos modelos clássicos até então utilizados. Segundo Argan (2002), o modernismo arquitetônico combate o ecletismo dos "estilos históricos", não só por seu falso historicismo, como também por seu caráter oficial. Há no modernismo a pretensão de traduzir o progresso técnico-científico da sua época, em parte proporcionada pela Revolução Industrial, em linguagem artística e arquitetônica.

A questão do modernismo, especialmente no âmbito das artes plásticas, nasce na Europa como forma de interpretação, apoio e acompanhamento do esforço progressista, econômico, tecnológico, da civilização industrial. Com a Revolução Industrial e o rápido crescimento das cidades, a demanda por novas construções crescera vertiginosamente. A descoberta do concreto armado permitiu um avanço enorme nas possibilidades construtivas, proporcionando obras de plasticidade até então inimagináveis, uma verdadeira liberdade formal.

A arquitetura moderna, resultado desse movimento cultural complexo, criou então novas perspectivas, que acabariam por tocar também na questão religiosa. O rompimento com o ecletismo, presente até então como estilo oficial no campo católico, foi possível em boa parte graças ao encontro da arquitetura moderna com a reflexão amadurecida pelo Movimento Litúrgico, o que possibilitou um maior diálogo e uma maior reflexão entre arquitetura moderna e Igreja, resultando em uma arquitetura moderna religiosa que começou a se beneficiar com essa nova técnica construtiva. Embora tenha demorado um pouco mais a encontrar os seus caminhos, notadamente no que tange à decodificação de uma linguagem arquitetônica moderna para uma comunidade cristã, influenciada pelos ditames de um processo de industrialização da

⁷ “Sob o termo genérico modernismo resumem-se as correntes artísticas que, na última década do século XIX e na primeira do século XX, propõem-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial”. (ARGAN, 2002 p. 185)

sociedade, a arquitetura religiosa acabou por encontrar a sua nova forma de expressão.

Nesse contexto, nasce em 1909, na Bélgica, o Movimento Litúrgico o qual, nos seus desdobramentos posteriores, estabelece uma nova relação entre a liturgia e a arquitetura religiosa moderna. Esse movimento teve início em uma situação histórica bem determinada, isto é, quando os católicos e, mais precisamente os leigos, começando a examinar os vínculos que uniam a sua existência – vínculos que se concretizavam no tempo e no espaço - com a Igreja e a hierarquia, puderam, ao fazer este exame, reconhecer e diferenciar as instâncias religiosas, essenciais e absolutamente vinculantes ou obrigatórias contidas e inseridas na idéia da igreja, das instâncias culturais, temporalmente condicionadas e relativas, que são apenas expressões de uma época historicamente passada. Quando a idéia da Igreja do século XIX, que era de uma igreja social, organizadora e pedagógica, já havia esgotado a própria vitalidade, foi justamente o Movimento Litúrgico que contribuiu de maneira decisiva e profunda para criar uma idéia nova da Igreja. Segundo Frade (2007) o Movimento Litúrgico procurava aproximar os homens o mais possível do que a Igreja era na sua natureza, mais profunda, isto é, do seu ser sacramental e das suas celebrações litúrgicas, ao mesmo tempo em que lhes ensinava que a Igreja é o “corpo místico” de Cristo, ou seja, o mistério do Cristo que continua a sua existência humana. É desta nova comunidade eclesial, que são exatamente os participantes da celebração, o ponto central é novamente o altar.

O Movimento Litúrgico nasce com o profundo desejo de retornar o verdadeiro espírito cristão presente na liturgia e na linguagem simbólica do espaço sagrado. Para conseguir este retorno ao verdadeiro espírito cristão, o Movimento Litúrgico lança mão de dois princípios básicos, norteadores de sua ação: a participação ativa da assembléia na liturgia e o retorno às origens do cristianismo. Esses princípios, além da compreensão litúrgica também se estenderam para as artes e arquitetura. Mas para se construir essas igrejas

com uma linguagem arquitetônica moderna houve toda uma discussão que ia muito além do campo construtivo apenas.

“Para o Movimento Litúrgico a participação na celebração tem um duplo sentido: é uma meta e um meio. Meta, porque a sua intenção é a de conduzir os fiéis à consciência do seu próprio cristianismo, vivido, fomentado, incrementado com uma vida de fé que tenha como eixo a eucaristia (...) Meio, porque com a participação na celebração, os fiéis reunidos pelo espírito podem voltar-se para Deus como seu povo, como Igreja, de modo não abstrato, mas concreto: rezando juntos, cantando com um só coração e uma só alma”. (TRIACCA (1956) apud FRADE (2007).

Isso se refletiu na arquitetura, com a construção de espaços destinados ao culto que privilegiasse uma maior participação da comunidade através da eliminação ou redução de alguns elementos arquitetônicos de índole mais devocional, diminuição das estatuárias internas, redução dos altares laterais, dando maior centralidade e importância ao altar, mesa do Senhor. Os primeiros exemplos dessas igrejas, que serão analisadas em seguida no próximo capítulo, encontram-se na Europa, sendo que a Alemanha sob a inspiração do Movimento Litúrgico e do modernismo, talvez tenha produzido a maior quantidade de igrejas nesse primeiro período.

Emblema dessa nova linguagem arquitetônica religiosa modernista é a Catedral Notre Dame du Rancy (figura 9), primeira igreja católica a ser construída em concreto armado, na França. Após a construção de Notre Dame du Rancy, começou a se ampliar na Europa, especialmente nos países nórdicos, a edificação de igrejas seguindo a tendência da arquitetura moderna. Ou seja, começava-se a construir Igrejas que fugiam dos estilos históricos até então observados. Neste contexto de mudanças na concepção do espaço sagrado, podemos dizer que o Movimento Litúrgico foi de fundamental importância para a produção da arquitetura religiosa contemporânea e um precursor do Concílio Vaticano II.



FIGURA 11: Notre Dame Du Rancy

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

3.2 Concílio Vaticano II: afirmação e consolidação de novas diretrizes para a Igreja Católica

Diante do crescimento e implicações decorrentes do Movimento litúrgico e diante de uma nova sociedade moderna, com novos hábitos, pensamentos e demandas, a Igreja vê a necessidade de um novo concílio ecumênico, com o objetivo de adequar suas leis e regras frente a esse novo contexto sócio cultural, resgatando suas tradições cristãs mais antigas e suas raízes mais genuínas no que diz respeito à Eucaristia. Como vimos, desenvolve-se então na Igreja um grande movimento de resgate do verdadeiro sentido da Liturgia para as comunidades cristãs, o Movimento Litúrgico que, sem dúvida, preparou muito bem o terreno para o advento do concílio Vaticano II. Neste contexto,

entre 1962 e 1965 é convocado pelo Papa João XXIII o concílio Vaticano II, cujas diretrizes vigoram até os dias de hoje, sendo então o último concílio realizado pela Igreja Católica.

Segundo o Papa Paulo VI o Concílio Vaticano II foi realizado,

num tempo em que, como todos reconhecem, os homens estão voltados mais para a conquista da terra do que para o reino de Deus; foi num tempo em que o esquecimento de Deus se torna habitual, como se os progressos da ciência o aconselhassem; foi num tempo em que o ato fundamental da pessoa humana, mais consciente de si e da sua liberdade, tende a exigir uma liberdade total, livre de todas as leis que transcendam a ordem natural das coisas; foi num tempo em que os princípios do laicismo aparecem como a consequência legítima do pensamento moderno e são tidos quase como norma sapientíssima segundo a qual a sociedade humana deve ser ordenada; foi num tempo em que a razão humana pretende exprimir o que é absurdo e tira toda a esperança; foi num tempo, finalmente, em que as religiões étnicas estão sujeitas a perturbações e transformações jamais experimentadas. Foi neste tempo que se celebrou o nosso Concílio para glória de Deus, em nome de Cristo, com a inspiração do Espírito Santo que «tudo perscruta» e que continua a ser a alma da Igreja, «para que conheçamos os dons de Deus», quer dizer, fazendo com que a Igreja conheça profundamente sob todos os aspectos a vida humana e o mundo. (Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II – Ver anexo A)

O Concílio Vaticano II foi uma série de conferências, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século XX. Com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião, o Papa João XIII convidou bispos de todo o mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano. Da pauta dessas discussões constavam temas como os rituais da missa, os deveres de cada padre, a liberdade religiosa e a relação da Igreja com os fiéis e os costumes da época. Segundo o teólogo Pedro Vasconcelos, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o Concílio tocou em temas delicados, que mudaram a compreensão da Igreja sobre a presença no mundo moderno.

Foram repensadas, por exemplo, as relações com as outras igrejas cristãs, o judaísmo e crenças não cristãs. Após três anos de encontro, as autoridades promulgaram vários documentos como resultado do Concílio, sendo eles: *SACROSANCTUM CONCILIUM, DEI VERBUM, GAUDIUM SPES, LUMEN GENTIUM, DIGNITATIS HUMANAЕ, NOSTRA AETATE*.

A Constituição Conciliar “Sacrosanctum Concilium”⁸, que estabelece as reformas da sagrada liturgia e do culto eucarístico, é a que implica diretamente na arquitetura, ditando as novas diretrizes para a concepção do novo espaço sagrado e litúrgico. As transformações arquitetônicas no espaço religioso, decorrentes do Movimento Litúrgico, como: centralidade do altar, maior participação dos fiéis na celebração, redução de elementos devocionais, dentre outros, como vimos anteriormente, são agora consolidados com o Vaticano II.

Através da constituição sobre a Sagrada Liturgia, o Concílio resgata uma série de elementos “eucarísticos” essenciais que, praticamente haviam se perdido em todo o segundo milênio. É aí que está o imenso e inquestionável valor do Concílio. Muitas novidades apareceram nas questões teológicas e na hierarquia da Igreja. O Papa, por exemplo, aceitou dividir parte de seu poder com outros cardeais, e as missas passaram a serem rezadas na língua de cada país – antes, pautadas no rito tridentino - eram celebradas sempre em latim. Podemos dizer que essa mudança é uma das mais importantes e que influencia diretamente na concepção do espaço litúrgico. Na questão dos costumes, porém, o encontro foi pouco liberal, continuou condenando o sexo antes do casamento e defendendo o celibato para os padres. Veja no anexo B as principais transformações decorrentes do concílio Vaticano II.

Seguem algumas diretrizes para a nova concepção dos espaços sagrados segundo o Concílio Vaticano II: a acentuação da Missa ou Eucaristia como centro da comunidade, o altar em forma de mesa (recordação da última ceia e

⁸ Para um maior aprofundamento sobre a Constituição Conciliar “Sacrosanctum Concilium” ver: VATICANO II. Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia”. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 259-306.

sugestão da mesa da família), a celebração de frente para o povo, o espaço necessário para a formação das procissões de entrada, ofertório e comunhão, que tão belamente testemunham e incentivam a unidade dos fiéis e a sua união com o altar. Em decorrência da volta à Sagrada Escritura, um novo destaque é dado à liturgia da Palavra, que praticamente quase desaparecera do culto tridentino. Assim são estabelecidos lugares próprios de onde ela possa ser lida e proclamada, provavelmente à direita e à esquerda do altar, como nas missas solenes. O coro, espécie de tribuna em que cantores e músicos davam pequenos concertos durante os atos litúrgicos, é praticamente extinto, pois a palavra de Deus, ouvida agora na própria língua, responderá todo o povo com cânticos e aclamações tradicionais. Os objetos e ornamentos sagrados e a indumentária dos ministros, no espírito de toda a nova reforma devem ser diminuídos no seu número, para não desviarem a atenção do essencial, bem como acentuados na sua forma e função. A Constituição sugere aqui maior liberdade, de acordo com as Conferências Episcopais, para uma adaptação "às necessidades e costumes dos lugares". Desta forma poderão ser aproveitados os materiais de cada região.

Em síntese, na arquitetura, tão importante quanto construir com lógica e sinceridade, com base nos materiais e técnicas modernas, foi a consciência de que a igreja – “a domus ecclesiae” deveria ser gerada da função litúrgica como causa final à arquitetura,. O intuito primordial passou a ser a construção do templo como signo de unidade, explorando configurações alternativas ao tradicional espaço de culto, de modo a aumentar a participação da congregação e diminuir a alienação entre o clero e fiéis. Como aponta Anton Henze:

“O objetivo do Concílio Vaticano II era transformar os fiéis de espectadores silenciosos para participantes ativos na oferenda; os oradores individuais juntar-se-iam com o padre para formar uma comunidade unida no sacrifício. Essa tarefa, da arquitetura eclesiástica, ajustar-se à comunidade do altar, confirmando, reforçando e promovendo-a com um envoltório onde cada pessoa devia estar em contato com a outra, e todas com o altar, participando visualmente e oralmente, desimpedidos, do sacrifício da missa.”

Começando pelo espaço litúrgico que acolhe a celebração, devemos sublinhar que o termo "igreja" deriva da reunião das pessoas que nela acontece. A sua função primordial, essencial, é acolher a assembléia que se propõe realizar o convite de Jesus: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19); (1 Cor 11, 24). Como afirma Jesus: "Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, lá estou no meio deles" (Mt 18, 20). A presença do Cristo na Igreja é antes de tudo consequência da reunião e possui caráter sacerdotal, isto é, de mediação entre as pessoas e Deus Pai.

Portanto, para a concepção dos novos templos, a diretriz reformista mais importante foi a promulgação do caráter eminentemente central que deveria assumir o altar, em volta do qual as pessoas ficariam reunidas, em comunhão com o celebrante (que passa a celebrar a missa na língua local), subvertendo-o enquanto domínio exclusivo do clero e exaltando-o como pedra fundamental da Igreja, porque representativo do ato eucarístico. Além de facilitar a comunhão e a participação da congregação na "Casa de Deus", a função do templo reformado passou a ser a de promover o senso comunitário e encorajar a contribuição ativa do fiel pela emoção individual em conjunção à coletiva. Este breve panorama nos traz o pano de fundo de toda a atividade arquitetônica religiosa que se desenvolveu a partir deste Concílio.

Podemos concluir que o projeto de igrejas deveria ser estudado e visto de uma forma nova, não mais a partir de estilos, mas do seu lado prático: ser o abrigo da comunidade, da assembléia dos fiéis. A planta da Igreja passa a depender das ações que nela se desenvolvem, dos equipamentos que compõem o espaço. O aspecto simbólico não deve estar na abundância da decoração, mas deve transparecer por si próprio. Como exemplos temos: Notre Dame Du Rancy (ver págs. Xx-xx, Vol II), , Igreja de St. Anna (ver págs. Xx - xx, Vol II), Igreja Nova das Roamrias (ver págs. xx – xx, Vol. II), dentre outros.

“Quando visitamos monumentos passados de arquitetura sagrada, nos sentimos elevados pela beleza de suas formas, pela simplicidade ou decoratividade de seu interior, o que devemos assimilar é o espírito que presidiu sua concepção e sua construção, adaptado à época de seu erguimento. De maneira nenhuma servirá de modelo para cópia. Quando foram construídos, lembremos bem, eram modernos, expressão de sua época. Estamos hoje, num mundo bem diverso.” (MENEZES, 2006).

É importante levar em conta todo o processo de planejamento da construção do espaço sagrado. O espaço litúrgico não pode ser idéia de uma só pessoa. Não se trata só de levantar quatro paredes, ele deve ser resultado da oração, da fé e da espiritualidade da comunidade. Deve ser ainda um trabalho de conjunto envolvendo liturgistas, engenheiros, arquitetos, pároco, lideranças e comunidade. O momento da organização do espaço litúrgico é uma oportunidade única de fortalecer a comunidade eclesial. Assim como o templo sempre foi a imagem do universo, o homem é a imagem do sagrado. No homem está contido todo o Mistério que chama à Vida. O templo deveria espelhar um universo redimido, uma imagem do céu. É um lugar de intimidade, de refúgio, de proteção, de beleza, onde o ser humano tem a possibilidade de renascer e de se recriar. Desta forma, o espaço sagrado torna-se uma referência para o homem se reequilibrar.

Da análise realizada e das recomendações contidas nos diversos documentos emanados do Magistério da Igreja, após o Concílio Vaticano II, seguem sucintamente as seguintes diretrizes, que atuam diretamente na concepção dos espaços sagrados atualmente⁹.

⁹ Gostaria de salientar que este trabalho não tem a pretensão de registrar todos documentos emanados do Magistério da Igreja. Para maiores conhecimentos ver na íntegra : Código do Direito Canônico; Instrução Geral Sobre o Missal Romano; Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium; Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre o culto do Mistério Eucarístico; As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos – Iniciação Cristã, Observações Preliminares Gerais.

1 . A **disposição da assembléia** dos fiéis, constante na distribuição dos bancos, dever ser concebida, face à maior proximidade dos fiéis ao espaço celebrativo, permitindo a melhor maneira de participação e visibilidade do altar, como é desejo ardente do Concílio Vaticano II. A atenção deve estar voltada para aquilo que realmente é o centro de toda ação litúrgica, ou seja o altar, o ambão e a cadeira do presidente (Código de Direito Canônico, Cânon 1216), para “que possam participar devidamente das ações sagradas com os olhos e o espírito. Convém que haja habitualmente para eles bancos ou cadeiras. Mas reprova-se o costume de reservar lugares para determinadas pessoas. Sobretudo nas novas igrejas que são construídas, disponham-se os bancos ou as cadeiras de tal forma que os fiéis possam facilmente assumir as posições requeridas pelas diferentes partes da celebração e aproximar-se sem dificuldades da sagrada Comunhão. Cuide-se que os fiéis possam não só ver o sacerdote, o diácono ou os leitores, mas também, graças aos instrumentos técnicos modernos, ouvi-los com facilidade”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 311).”

“É desejo da santa Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão, tem direito e obrigação”. (Sacrosanctum Concilium, n. 14).

2. “O **altar** deve ser colocado e construído de maneira que apareça sempre como sinal do próprio Cristo, lugar onde se realizam os mistérios da salvação e como centro da assembléia dos fiéis, ao qual se deve o máximo respeito.” (Instrução sobre o culto do mistério eucarístico, Sagrada Congregação dos Ritos, 24)

O altar, deve “ser construído afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo, o que convém fazer em toda parte onde for possível. O altar deve ocupar um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembléia

dos fiéis. Normalmente seja fixo e dedicado”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 299) e (Inter Oecumenici - Capítulo V - Item II - O altar-mor, 91). Além disso, seja, “preferencialmente, de pedra. Contudo, pode-se também usar outro material digno, sólido e esmeradamente trabalhado, a juízo da Conferência dos Bispos. Os pés ou a base de sustentação da mesa podem ser feitos de qualquer material, contanto que digno e sólido. O altar móvel pode ser construído de qualquer material nobre e sólido, condizente com o uso litúrgico e de acordo com as tradições e costumes das diversas regiões. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 301) e (Código do Direito Canônico - Cânon 1236, § 1 e § 2).

Também suas dimensões e mesmo volume deve ser mais compatível com a dimensão do espaço arquitetônico. Não se pode deixar de lembrar algumas recomendações como a de que “sobre a mesa do altar podem ser colocadas somente aquelas coisas que se requerem para a celebração da Missa ou seja: o Evangeliário, do início da celebração até a proclamação do Evangelho; desde a apresentação das oferendas até a purificação dos vasos sagrados, o cálice com a patena, o cibório, se necessário, e, finalmente, o corporal, o purificador, a pala e o missal. Além disso, se disponham de modo discreto os aparelhos que possam ajudar a amplificar a voz do sacerdote”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 306).

Mesmo a cruz e os castiçais recomenda-se sejam colocados junto ao altar, de maneira que formem um conjunto harmonioso (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 307 e 308).

A ornamentação deverá ser discreta e “em vez de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocada junto a ele” (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 305).

3. O **ambão**, novamente retomado da melhor tradição dos primeiros anos da Igreja, deve lembrar “a dignidade da Palavra de Deus requer na igreja um lugar

condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da Palavra. De modo geral, convém que esse lugar seja uma estrutura estável e não uma simples estante móvel. O ambão seja disposto de tal modo em relação à forma da igreja que os ministros ordenados e os leitores possam ser vistos e ouvidos facilmente pelos fiéis. Do ambão são proferidas somente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e a oração universal ou oração dos fiéis. A dignidade do ambão exige que a ele suba somente o ministro da palavra, devidamente abençoado antes de ser utilizado, conforme rito próprio proposto no Ritual Romano”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 309).

4. “A **cadeira do sacerdote** celebrante deve manifestar a sua função de presidir a assembléia e dirigir a oração. Evite-se toda espécie de trono. Antes de ser destinada ao uso litúrgico, convém que se faça a benção da cadeira da presidência segundo o rito descrito no ritual Romano. Disponham-se também no presbitério cadeiras para os sacerdotes concelebrantes, bem como para presbíteros que, revestidos de veste coral, participem da concelebração, sem que concelebrem. A cadeira para o diácono esteja junto da cadeira do celebrante. Para os demais ministros, as cadeiras sejam dispostas de modo que se distingam claramente das cadeiras do clero e eles possam exercer com facilidade a função que lhes é confiada”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 310).

5. O **sacrário**. Devemos lembrar que o fim principal e originário da conservação das sagradas espécies na igreja, fora da missa, é o atendimento aos enfermos e a possibilidade de encontro particular com o Cristo (Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre o culto do Mistério Eucarístico, n. 49).

Assim, “seja conservado num tabernáculo, colocado em lugar de honra da igreja, suficientemente amplo, visível, devidamente decorado e que favoreça a oração. Normalmente o tabernáculo seja um único, inamovível, feito de material sólido e inviolável não transparente, e fechado de tal modo que se evite so

máximo o perigo de profanação”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 314).

“O lugar do oratório onde se conserva a Eucaristia no sacrário seja realmente nobre. Ao mesmo tempo, convém que ele seja também apropriado para a oração particular, de modo que os fiéis, com facilidade e proveito, continuem a venerar, em culto privado, o Senhor no Santíssimo Sacramento. Por isso, recomenda-se que o sacrário, na medida do possível, seja colocado numa capela separada da nave central da igreja, sobretudo naquelas igrejas onde há, com freqüência, casamentos ou funerais, ou naquelas que são freqüentadas por muita gente por causa dos tesouros artísticos e históricos”. (Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre o culto do Mistério Eucarístico, n. 53). Não se trata de apenas colocar o sacrário em uma capela de dimensões mínimas, senão também permitir que os fiéis, em número mais expressivo, possam ali se recolher para seu contato maior com o Senhor.

Cabi aqui ressaltar a recomendação de que os fiéis, assim como o sacerdote, “recebam o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma Missa”, para que “se manifeste mais claramente como participação do sacrifício celebrado atualmente” (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 85).

6. O lugar do **coro**, definido pela disposição geral da igreja, deve, no entanto, lembrar que eles fazem parte da assembléia, devendo isto ficar claro, inclusive pela sua localização. Assim, não mais tem sentido sua localização em coro alto, afastado e diferenciado da assembléia. “Levando em conta a estrutura de cada igreja, o coro deve estar colocado de modo que: a) apareça claramente sua natureza, isto é, a de formar uma parte da comunidade de fiéis reunida e a de desempenhar uma função especial; b) a execução de seu ministério litúrgico se torne mais fácil; c) permita comodamente a cada um de seus membros a plena participação na Missa, quer dizer, a participação sacramental”. (Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre a Música na Liturgia).

Paralelamente, é importante atentar para o aspecto da acústica, para que melhor se possa participar, como assembléia, das aclamações e respostas às orações do sacerdote. Por outro lado, torna-se importante que seja possível o respeitoso silêncio, naqueles momentos em que se prescreve, no ritual, “o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que ouviram; após a comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 45).

Não se pode esquecer que “um desafio para as equipes de liturgia, é o cultivo da experiência do silêncio. Após 40 anos de renovação litúrgica, chega-se à conclusão de que não se pode descuidar do silêncio na ação litúrgica”, é o que nos lembra João Paulo II, na Carta apostólica no 40º aniversário da Sacrosanctum Concilium.

7. A presença de **imagens** do Senhor, da Senhora ou dos santos, é recomendada não só pelo código de Direito Canônico (Cânon 1188), como também por outros documentos do Magistério, recomendando, ainda, seu número moderado e na devida ordem.

Trata-se de lembrar-nos, através daqueles que nos precederam, como intercessores junto ao Pai. “segundo antiqüíssima tradição da Igreja, as imagens do Senhor, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos sejam legitimamente apresentadas à veneração dos fiéis nos edifícios sagrados e sejam aí dispostas de modo que conduzam os fiéis aos mistérios da fé que ali se celebram. Por isso, cuide-se que o seu número não aumente desordenadamente, e sua disposição se faça na devida ordem, a fim de não desviarem da própria celebração a atenção dos fiéis. Normalmente, não haja mais de uma imagem do mesmo santo. De modo geral procure-se na ornamentação e disposição da igreja, quanto às imagens, favorecer a piedade

de toda a comunidade e a beleza e a dignidade das imagens”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 318).

8. Nosso ingresso no seio da igreja católica se dá por meio de nosso batismo. “O **batistério**, ou lugar onde a fonte batismal jorra água ou está colocada, seja destinado exclusivamente para o rito do batismo, um lugar digno, onde renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Quer esteja situado em alguma capela dentro ou fora do recinto da igreja, quer em alguma outra parte da igreja, à vista dos fiéis, deve ter tal amplitude, que possa conter o maior número possível de pessoas presentes”. (As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos – Iniciação Cristã, n. 25).

Devidamente projetado o espaço destinado à iniciação cristã, poderá ser previsto tanto o batismo por infusão como o da imersão, segundo prescreve a Iniciação Cristã (As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos – Iniciação Cristã, Observações Preliminares Gerais, n. 22).

O local reservado para a administração do sacramento do Batismo deverá ser especial e devidamente amplo para batizados em comunidade.

9. “A **ornamentação** do local contribui muito para expressar o sentido do templo”. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Animação da vida litúrgica no Brasil, Documento 43, n. 143. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 45, 56, 128, 88, 78, 127.)

“Na ornamentação do altar observe-se moderação. A ornamentação com flores seja sempre moderada e, em vez de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocado junto a ele”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 305).

10. Estabelecido o programa, cumpre estudar, com o maior cuidado, as possíveis soluções, que melhor atendam ao simbolismo desejado. Não existe

uma única solução, senão muitas, para cada caso particular. É uma questão de arquitetura, de estilo, de dimensões, de espírito. “Cuidem os Ordinários que, promovendo e incentivando a arte verdadeiramente sacra, visem antes a nobre beleza que a mera suntuosidade”. (Sacrosanctum Concilium, 124).

“Na construção e restauração de igrejas, usando o conselho de peritos, observem-se os princípios e normas da liturgia e da arte sacra” (Código de Direito Canônico, Cânon 1216).

A arquitetura é, antes de mais nada, construção, mas não se trata de “acrescentar” ao edifício uma certa dose de beleza. Há absoluta necessidade que desde a concepção do edifício na mente do arquiteto esteja presente o sentido do belo, do útil, do agradável, da transcendência de um edifício destinado a abrigar a beleza por excelência, o próprio Cristo. Não se trata, de maneira alguma, de construir um edifício para o culto e depois decora-lo. Haverá de estar presente desde o início, o Espírito que inundará o arquiteto, para que em sua concepção seja centro a presença do Cristo, simbolizada no altar”. (MENEZES, 2006)

4 Análise da produção da arquitetura religiosa a partir do século XX

Nos capítulos anteriores fizemos uma análise histórica e de transformações dos espaços sagrados católicos no decorrer do tempo, e suas implicações frente aos movimentos reformistas. Neste capítulo vamos analisar igrejas do final do século XX e século XXI, objetos deste estudo, com o objetivo de perceber como são concebidos os espaços sagrados na contemporaneidade, verificando a permanência dos princípios simbólicos e como esses simbolismos, se é que eles existem, se manifestam na materialização da arquitetura religiosa católica contemporânea.

Segundo Frade (2007), tradicionalmente, o maior monumento da fé católica, a razão de um catedral ou de uma igreja permanecia a de um edifício religioso cumpridor de particular papel de representação, devendo exaltar magnitude mesmo em tempos de simplicidade, realismo e modéstia da Igreja reformada do século XX, sem, contudo, declinar o papel fundamental de marco na condução espiritual do homem. Como símbolo maior da cidade no imaginário coletivo, uma edificação religiosa, também, não podia furta-se de atingir dimensão mais ampla que sua vocação litúrgica imediata, ao mesmo tempo grandiosa e acolhedora, deveria ser templo e casa, cumprindo função, simultaneamente, religiosa e social.

A escolha das obras a serem analisadas foi pessoal, e se deu devido ao fato de se tratarem de edificações referenciais no segmento da arquitetura religiosa católica contemporânea. Um dos critérios para a seleção foi a disponibilidade de material que proporcionasse a análise. Cabe ressaltar que este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, muitas outras igrejas poderiam ter sido selecionadas, pois, no decorrer do trabalho foi verificado que existe um leque enorme de exemplares, o que dificultou a seleção. Outro critério utilizado foi tentar mapear as edificações em países distintos, com o propósito de conseguir, através dessas igrejas registrar a produção da arquitetura religiosa, principalmente no século XXI. Por isso não cabe a este estudo uma análise

exaustiva e profunda de cada edificação. Para facilitar a análise e para criar um documentário dessa produção arquitetônica, foi criado um inventário com ficha técnica, levantamentos arquitetônicos e fotográficos de cada igreja, catalogados no volume 2¹⁰. A ordem das igrejas foi disposta de forma cronológica à sua concepção e construção.

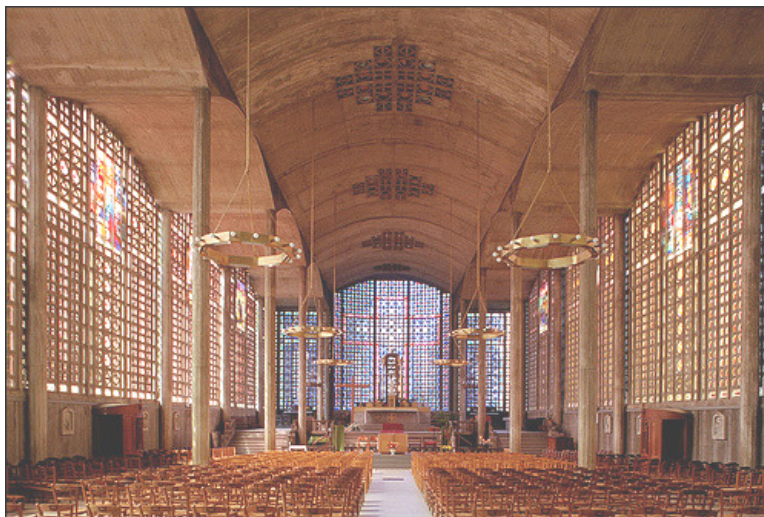
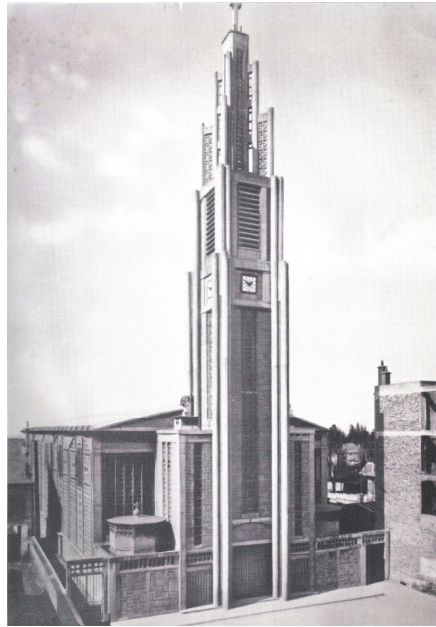
4.1 Igrejas séc. XX : pré-Concílio Vaticano II - Europa

Como vimos anteriormente, o Movimento Litúrgico nasce com o profundo desejo de retornar o verdadeiro espírito cristão presente na liturgia e na linguagem simbólica do espaço sagrado. No que diz respeito à arquitetura, tão importante quanto construir com lógica e sinceridade, com base nos materiais e técnicas modernas, foi a consciência de que a “domus ecclesiae” deveria ser gerada da função litúrgica como causa final à arquitetura. O intuito primordial passou a ser a construção do espaço sagrado como signo de unidade, explorando configurações alternativas ao tradicional espaço de culto, de modo a aumentar a participação da assembléia e diminuir o distanciamento entre o clero e os fiéis.

Portanto, fundamental à arquitetura religiosa católica reformada foi o caráter eminente central que deveria assumir o altar, em volta do qual as pessoas se reuniriam, transplantando-o como domínio exclusivo do clero e exaltando-o como pedra fundamental da igreja Católica, ao mesmo tempo em que o relacionaria ao ato Eucarístico a Cristo. Além de facilitar a comunhão e a participação da congregação na “Casa de Deus”, a função do templo reformado passou a ser a de promover o senso comunitário e encorajar a contribuição ativa do fiel pela emoção individual em conjunção à coletiva. Este breve panorama nos traz o pano de fundo de toda a atividade arquitetônica religiosa que se desenvolveu a partir do Movimento Litúrgico e do modernismo.

¹⁰ Ver no Vol. II inventário completo: ficha técnica, projeto arquitetônico, levantamento fotográfico de cada igreja analisada.

A preocupação com o simbolismo cristão tradicional é superada, dando lugar a funcionalidade. Durante a 1ª guerra mundial quase não se construíram igrejas. No início do século XX, Auguste Perret materializa o sonho, compartilhado por muitos, de erguer um templo católico com materiais e técnicas modernas em revolucionária linguagem, figurativa, sintetizando, simultaneamente, expressão artística e simbolismo cristão em termos inovadores. Em 1922 tem-se a construção da Igreja de Notre-Dame du Raincy, projetada por Auguste Perret.



FIGURAS 12 e 13 : Notre Dame du Raincy

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

É considerada a primeira Igreja construída em concreto armado. É um exemplo de construção despida de ornamentos superficiais, tetos e paredes lisas. A planta em si, nada tem de revolucionária, segue o modelo basilical, mas o altar está mais próximo da assembléia. As colunas, muito esbeltas, sustentam um teto meio abobadado e, nas paredes, os painéis de concreto formam desenhos geométricos. O programa é claro e o sistema estrutural lógico. A racionalidade começa a emergir.

Podemos dizer que Notre Dame du Rancy é uma basílica que concilia a lógica estrutural gótica e o ideário organizativo clássico. A sensação de unidade é alcançada pela formalização axial em retângulo de 70 a 26m, definido por quatro linhas transversais e oito longitudinais de pilares com 11m de altura e cerca de 43cm de diâmetro, desigualmente espaçados em vãos de 10m. Tal estruturação define três naves quase imperceptíveis, devido à suficiente separação e esbelteza dos elementos, fazendo com que a assembléia se sinta acomodada num grande espaço. Na outra dimensão, a abóbada abatida, em concreto, que cobre a nave principal, e as menores, dispostas perpendicularmente, ratificam a idéia de continuidade espacial e de contenção formal anunciadas pelo inteligente esquema de planta, dada a maneira delicada que apóiam sobre os delgados suportes.

A contribuição de Perret foi delinear, em concreto, a redução de cada elemento à essência estrutural mais explícita, o que, no caso de Notre Dame du Rancy, aplica-se desde à malha pré-fabricada dos fechamentos até as colunas esguias em concreto bruto, sem polimentos, da estrutura. No entanto, para fazer nítida separação entre fechamento e estrutura, a retícula envolvente, de elementos pré-moldados de concreto, nega o peso da estrutura e proporciona todo aquilo de fantástico que os construtores góticos imprimiram à arquitetura das grandes catedrais européias medievais desde a lição de Suger em St. Denis. As paredes laterais são estruturas vazadas que formam vitrais multicoloridos, pintados por Maurice Denis, por onde se filtra a luz, provocando uma percepção homogênea das superfícies verticais ao permitir a entrada de raios

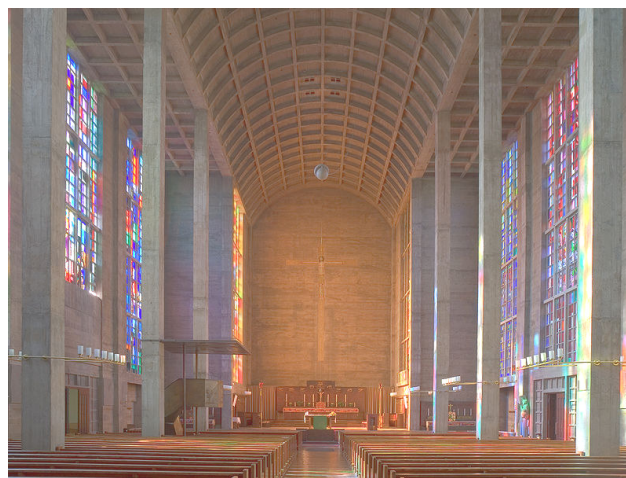
coloridos imateriais, a materialidade teto/piso em concreto. Com esse efeito, desmaterializam-se as paredes enquanto elemento sólido, tradicionalmente definidores da volumetria, para criar um espaço inundado de luz.

Apesar da parede de vidro e luz, do espírito gótico, a organização hierárquica do espaço é essencialmente clássica, com sentido de unidade espacial proporcionada pela localização do altar, colocado em plano mais realçado e mais próximo da assembléia, simultaneamente enfatizando através da longitudinalidade da nave o percurso do profano ao sagrado. Nesse sentido podemos dizer que a rigor, a configuração axial está baseada na formação dos templos desde os primeiros templos cristãos. Aqui Perret reinventa o espaço tripartido com o altar colocado no final da perspectiva, graças à síntese espacial proporcionada pela experimentação com o concreto, trabalhado em função da abstração das formas, em partido tradicional.

Os elementos simbólicos como jogo de luz, torre, campanário, pia baptismal, dentre outros estão presentes. Assim percebemos que valores tradicionais, simbolismos e ambições modernas se misturam e se complementam..A clareza de concepção só se vê comprometida na fachada principal, pelo choque dos grupos de colunas verticais para formar a torre, colocada no centro da composição. A evocação medieval desde gesto é dissonante da concepção espaço caixão, de concreto e vidro, que conforma a volumetria da igreja. O fato é que a partir da construção de Notre Dame du Rancy, começou a se ampliar na Europa, a edificação de igrejas seguindo a tendência da arquitetura moderna.

Seguindo a mesma tipologia e padrão, em 1926/27, o arquiteto Karl Moser projeta a Igreja de St. Antonius em Basel, Suíça (figuras 14 e 15). É considerada a primeira igreja moderna na Suíça. Partindo do modelo de espaço caixão, em concreto armado, é um espaço mais rígido e completamente desnudo. Os vidrais que compõem as paredes laterais, o aço e o concreto entram em cheio mesmo mantendo a forma basilical tradicional.

Percebemos as mudanças no espaço litúrgico, mas alguns elementos tradicionais como púlpito, ainda permanece, o que demonstra mais uma vez, que a arquitetura religiosa da época encontra-se em plena transformação e evolução, mesclando simultaneamente tradição e modernidade. A igreja é plasticamente bela, repleta de uma austeridade que beira a rigidez, típica dos construtores germânicos, o que a tornou referência nesse segmento.



FIGURAS 14 e 15 : St. Antonius em Basel

Fonte: <http://www.google.com.br/images>

Alguns anos mais tarde, onde os preceitos do Movimento Litúrgico já estavam amadurecidos e mais consolidados, é construída uma das mais significativas manifestações de vanguarda da arquitetura religiosa do século XX, a capela de Ronchamp na França (figuras 16 e 17), projetada em 1950 por Le Corbusier. Esta igreja, com formas totalmente inovadoras é um grande referencial no segmento da história da arquitetura religiosa mundial. Segundo o arquiteto, sua idéia era construir um recinto no qual o material é apresentado em toda a sua pureza, um lugar para meditar. A igreja com planta livre, possui uma precisão geométrica que é levada à máxima expressão. A dinâmica da planta foi enriquecida com referências múltiplas, e o traçado geométrico foi cuidadosamente oculto sob a aparência da forma espontânea.



FIGURAS 16 e 17 : Capela Ronchamp
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A capela possui paredes grossas e curvilíneas, que apoiam a cobertura em concreto de formato escultural. Nestas paredes, pequenos vãos permitem o acesso da luz, em janelas irregulares e vindas das três torres claras. A luz é naturalmente controlada, realça o interior sem ofuscar o usuário. Essa luminosidade confere uma dimensão espiritual ao local, criando sensações de mistério com sua variedade e seus contrastes modulando até mesmo seu espaço. A capela é toda construída em concreto armado, desde sua estrutura até sua cobertura. Cada fachada deste edifício tem uma forma variada. Uma faixa de luz entra no interior por frestas, pois a cobertura em alguns pontos não toca as paredes. Colocada no meio da paisagem essa capela cria uma interação conjunta a ela.

Outra obra importante é a Igreja St. Feliz e Regula (figura 18) em Zurique, na Suíça, pelo arquiteto Fritz Metzger (1951). Esta igreja apresenta planta completamente inovadora aos parâmetros da época. Definitivamente o partido longitudinal das basílicas cristãs é abolido, dando lugar a tipologias elípticas com disposição dos bancos em semi-círculo, com o altar localizado em posição central, configurando uma situação espacial que proporciona uma maior proximidade da assembleia na celebração, tão sonhada pelos movimentos reformistas. Seguindo os ditames do modernismo, St. Feliz e Regula possui sistema estrutural em concreto armado, com pilares delgados e inclinados, configurando um sistema estrutural que se impõe e se mostra dentro do espaço religioso. A igreja é austera e rígida, totalmente despida de ornamentação. A iluminação se dá através de pequenas aberturas no alto da edificação, junto à laje de cobertura. Os elementos simbólicos como a torre e o campanário estão presentes. Mesmo apresentando elementos arquitetônicos e um espaço litúrgico inovador, pautados pelo Movimento Litúrgico, o coro encontra-se localizado em nível mais elevado e em lado oposto ao altar, conforme tradicionalmente nas igrejas cristãs.

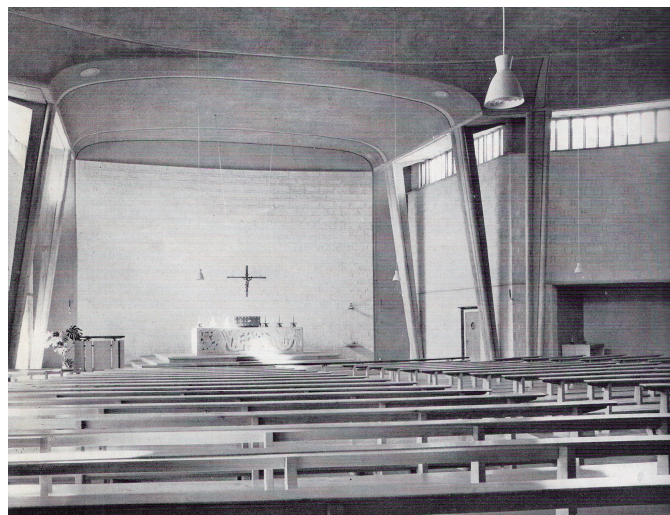


FIGURA 18 : Igreja St. Felix e Regula
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A renovação da arquitetura religiosa concentrou-se principalmente na Alemanha, onde, em 1922, se formou um grupo, composto por vários arquitetos e construtores, para estudar os princípios básicos do moderno planejamento de igrejas. Sob a influência das propostas de Perret, do espaço caixão longitudinal, esteve presente o arquiteto alemão construtor de igrejas naquela época, Dominikus Bohm. A igreja Maria Konigin (figura 19), construída por ele em 1954, um ano antes de sua morte, também é um grande exemplar da arquitetura religiosa moderna pré-Concílio Vaticano II.

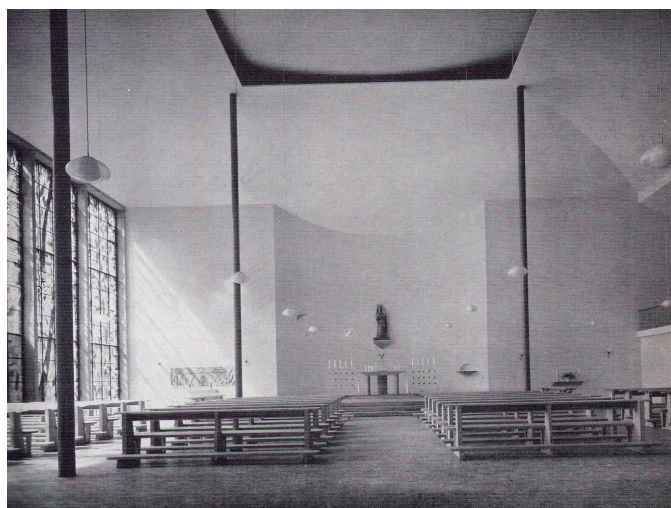


FIGURA 19 : Igreja Maria Konigin
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

O plano configura um espaço quase quadrado, ladeado por naves estreitas, onde os fiéis tem os olhos direcionados ao altar, estando uma pequena abside acolhendo o presbitério. A luz toma conta do espaço sagrado pela parede inteiramente de vidro, posta à esquerda do altar, dividida por colunas de aço na cor preta, que contém medalhões da Virgem feitos com pequenos pedaços de vidros recuperados das igrejas bombardeadas.

A igreja se abre, entre os assentos e o coro para um corredor em vidro que faz a ligação entre a nave e o batistério circular, também todo envidraçado, posto em anexo. O teto abobadado do espaço principal é sustentado por quatro colunas de ferro muito delgadas, pintadas de vermelho, de modo que a igreja como um todo, resulta num primoroso retrato dos símbolos e plasticidade formal proporcionada pela figuratividade moderna, quando bem compreendida e adaptada.

Böhm era, profundamente religioso e envolvido com o Movimento Litúrgico, tanto quanto seu discípulo Rudolf Schwarz e, talvez, esse ardor e dedicação sejam um trunfo e a explicação básica porque ambos são figuras chaves da arquitetura religiosa no século XX. Schwarz será responsável por alguns dos mais lúcidos episódios em torno da gênese do espaço longitudinal do templo católico, com destacada colaboração em termos tanto teóricos quanto práticos. Um bom exemplo de suas obras eclesiais é a igreja de St. Anna em Duren (figuras 20 e 21).



FIGURAS 20 e 21 : Igreja St. Ana in Düren
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

Esta igreja foi construída por Rudolf Schwarz em 1956. O templo consiste em um volume cúbico, nu, com alvenaria em pedra, plano retangular de modelo axial sem pilares internos, com o altar localizado do lado oposto à entrada, configurando o tradicional caminho longitudinal a ser percorrido. A organização baseia-se em longa nave principal, articulada, perpendicularmente, com capela sacramental na mesma altura do altar quadrado, concepção inédita. Configurando o outro lado da figura geométrica, está um volume mais baixo, articulado em ângulo com os dois espaços mais altos, conectando-os e criando imponente arcada interior para acesso à nave principal, de um lado, e à capela

sacramental, de outro, espaço intermediário de passagem do profano ao sagrado.

Na diferença de altura entre os volumes, Schwarz dispõe imenso pano de vidro para inundar de luz divina o clero e os fiéis, criando radioso efeito pelo contraste com o pano escuro da alvenaria em pedra. O altar continua sendo um ponto fundamental da organização, neste caso, ainda mais, por ser o centro funcional, simbólico e ótico para o fiel, que se encontra tanto na nave, quanto na capela sacramental, dominando ambos os espaços, e centralizando todo o caráter eucarístico, mesmo não estando precisamente no centro.

Internamente todo o espaço é simples pela justeza proporcional, pela articulação dos elementos e pela combinação dos materiais. O concreto aparente da estrutura destaca-se, principalmente no teto pelo belo desenho das vigas em “X”. A pedra bruta remete aos antigos tempos paleocristãos e românicos, dando peso e intimidade aos espaços. O que se vê é a rudeza das caixas, em diferentes alturas, com o volume do campanário, de alvenaria quadrada, ainda mais alto. Segundo Schwarz, *“a construção desta igreja trata-se de um dos mais influentes projetos de arquitetura religiosa do século XX, extraído de um quase nada, sem esforço, sem exageros, profunda expressão do sagrado pela justa arquitetura.”*

Entre os arquitetos dedicados em encontrar as formas mais pertinentes à liturgia reformada do século XX, está a figura de Emil Steffann, que juntamente com Böhm e Rudolf Schwarz, constitui o grupo dos arquitetos eclesiásticos católicos mais significativos da arquitetura moderna alemã. Os templos de Steffann, como por exemplo, a Igreja de St. Elisabeth (figura 22) em Opladen, na Alemanha, 1957, caracterizam-se pela simplicidade e pelo discurso de apreço a uma pobreza franciscana. Steffann criou templos que respondem ao conceito sagrado como lugar de paz espiritual e silêncio íntimo. Nesta igreja, Steffann atinge seu interior de forma significativa em funcionalidade e transcendência, apenas com alguns poucos elementos, justamente articulados

entre si: o altar elevado e em posição central, de desenho quadrado muito simples, amparado por uma abside curva. As paredes de tijolos, os assentos em madeira, dispostos em três lados do altar de uma planta, praticamente quadrada.

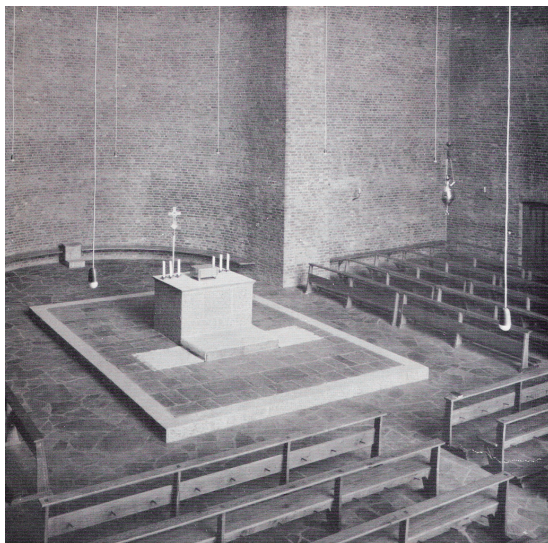


FIGURA 22 : Igreja St. Elisabeth in Opladen
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

4.2 Igrejas séc. XX e séc. XXI pós- Concílio Vaticano II Europa e América

Partindo de uma releitura crítica e criativa do que a experiência legada como sempre válido para estimular o que de sagrado pode despertar o arquiteto, Álvaro Siza reafirma tanto o conhecimento amplo que detém a respeito da história da arquitetura como o talento genial para criar espaços e formas atualizadas às aspirações e necessidade do homem, reinventando a arquitetura religiosa nos tempos modernos a partir da tradição, como fez no seu projeto para a Igreja de Santa Maria (figuras 23e 24) em Marco de Canaveses, em 1990.



FIGURAS 23 e 24 : Igreja de Santa Maria
 Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A igreja pode ser vista de longe, ergue-se no alto e convida a entrar. Possui volumetria simples e geométrica, articulando-se em dois níveis: um superior, da assembleia, e um inferior, da capela mortuária. Segundo o arquiteto, a plataforma em granito na fachada, surge como contraponto necessário à leveza e à grande concisão geométrica do volume branco. Em algumas horas do dia a igreja quase se desmaterializa: ora parede desaparecer, ora noutras ocasiões, sobressai quase que violentamente. Por isso foi necessária uma base que a prendesse ao solo.

Ao analisar esta igreja, fica evidente que a sua concepção, apesar das inovações, é bastante conservadora e tradicional. Esta intenção emerge com clareza no desenho da planta que, na realidade exprime uma rígida axialidade em conjunto com os elementos simbólicos tradicionais como a torre, o campanário e a pia batismal. Contextualmente, a verticalidade no interior é muito forte. Na realidade, apesar da nave ser de seção quadrada, a articulação de determinados elementos, tais como as duas aberturas por trás do altar, dá o sentido de elevação.

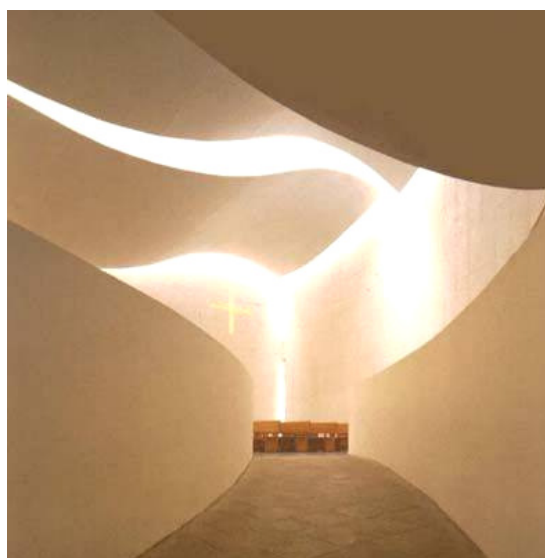
A igreja possui planta quadrada de nave única, que configura o grande espaço da assembléia, onde os fiéis tem os olhos direcionados ao altar. Na fachada frontal percebemos dois volumes que definem um grande ‘U’, formado pelas duas torres, a do campanário e a do batistério, demarcando o adro e a entrada principal à edificação. A porta de entrada em madeira possui 10m de altura. A noção de escala, muito bem desenvolvida e empregada pelos modernistas confere à edificação um caráter monumental. Como no espírito gótico, o homem se sente pequeno diante da magnitude da edificação.

A luz toma conta do espaço sagrado através das aberturas na parte superior, que proporciona uma iluminação difusa e pela janela baixa e comprida localizada na parede lateral, que permite a vista para o exterior. Três degraus elevam o presbitério do plano da celebração, que conclui com duas portas, pelas quais entra luz clara, filtrada por uma alta chaminé. Esta disposição dialoga com o banho de luz sobre as formas curvas dos limites laterais da abside e sobre o espaço da igreja em geral. Segundo Siza, a iluminação natural varia com o tempo, dependendo da posição do sol, e vai desde a projeção do desenho do raio de luz até o silêncio da aspensão: um grande intervalo, rigoroso e palpável.

No espaço do presbitério, em volta do altar localizam-se os elementos que participam no ritual: o ambão, o próprio altar, o sacrário, as cadeiras dos celebrantes e a cruz.

Outro exemplo de arquitetura religiosa católica referencial é a Igreja do colégio Vila Maria (figuras 25 e 26) em Las Condes no Chile. Esta igreja foi projetada pelo arquiteto chileno Enrique Browne Covarrubias, e ganhou o Prêmio Internacional de Arquitectura Sacra em Milão, em 2000. Segundo o arquiteto a capela possui três importantes diferenciais. Primeiro, trata-se de uma capela com planta semi-longitudinal com o presbitério e altar central, para o qual se dirige toda a assembléia. Segundo, a luz penetra no ambiente através de rasgos no teto curvo e nas extremidades das paredes laterais. E terceiro, o

interior da capela é todo concebido com paredes curvas, proporcionado um certo movimento e sinuosidade ao espaço.



FIGURAS 25 e 26 : Igreja do Colégio Vila Maria
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

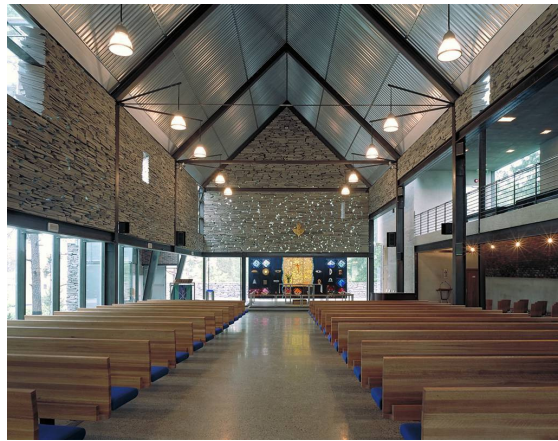
A igreja, totalmente voltada para seu interior e desprovida de ornamentação, possui formas curvas arrojadadas. A beleza está no jogo de luz, que proporciona o caráter místico ao local. O acesso à capela é feito por uma rampa que começa com um pátio coberto translúcido. A atmosfera no local dá a sensação de estar entre nuvens perfuradas pela luz: geralmente branca, dourada no altar e azul junto ao oratório da Virgem Maria. Segundo o arquiteto,

desta forma o céu está concebido como segmentos de assintóticas curvas, separadas por paredes de luz e cortes.

O coro localiza-se em local elevado, separado da assembléia, contrariando os princípios propostos pelo Concílio Vaticano II. Junto ao presbitério está localizado altar, o ambão e a pia batismal. A fachada semi-circular é bastante simples e não há a presença da torre e do campanário.

A medida que esta pesquisa avança, percebemos que a partir do modernismo e, principalmente na contemporaneidade, não há um estilo, nem uma tipologia de arquitetura religiosa a ser seguida. Frente a uma sociedade moderna em constante transformação, e mesmo com as diretrizes litúrgicas reformadoras proporcionadas pelo Concílio Vaticano II, as possibilidades formais são várias.

Um exemplo é a Igreja de Mortensrud (figuras 27 e 28), outro exemplar referencial no segmento da arquitetura religiosa católica contemporânea. Projetada pelos arquitetos Børre Skodvin e Jan Olav Jensen em 1998, ganhou o prestigioso prêmio Medalha-Grosch e o europeu Stell Design Award, ambos em 2003. Esta igreja foi nomeada em 2007, como sendo um dos edifícios mais importantes do pós-guerra na Noruega. A igreja está localizada em Oslo, no sudeste da Noruega, em uma colina arborizada rodeada por pinheiros altos. Ao norte está a igreja, e ao sul o centro paroquial, ligados por uma praça central que funciona como uma extensão da igreja, o adro. Nesta praça está localizado o campanário, que se destaca tanto pela sua verticalidade quanto pela sua estrutura metálica com pintura na cor laranja.



FIGURAS 27 e 28 : Igreja de Mortensrud
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A planta possui partido retangular longitudinal, com presbitério e altar no fundo, próximo ao qual emerge uma rocha. O ambão é fixado nesta rocha ao lado do coro. Na abside, foi instalado um painel multicolorido, que funciona como pando de fundo para o altar, uma vez que grande parte da vedação é em vidro transparente. A cobertura metálica de duas águas salienta a verticalidade na nave única, enfatizando o caminho a ser percorrido pelo fiel. No pavimento superior, em uma das laterais localiza-se um mezanino, que tem uma visão ampla de todo o espaço litúrgico. A pia batismal está posicionada no presbitério.

O sistema estrutural é composto por estrutura metálica e vedação em alvenaria de pedra e vidro. Os grandes e excessivos fechamentos laterais em vidro proporcionam uma grande comunicação entre o exterior e o interior. A natureza circundante parece adentrar no recinto. Em se tratando de espaços sagrados, essa transparência entre interior e exterior, proporcionada pela vedação em vidro transparente deve ser bem planejada e dosada. De acordo com os movimentos reformistas, vistos anteriormente, os acontecimentos na parte externa não devem tirar a atenção da assembléia do intuito maior que é o rito eucarístico, no qual Cristo se faz presente. A capela do Santíssimo localiza-se num espaço adjacente à nave principal, com teto em abóbadas em arco, com tijolinhos aparentes.

Nesta igreja percebemos uma grande diversidade de técnicas construtivas e materiais: pedra, aço, vidro e tijolinho aparente, que convivem em plena harmonia. A luz natural, elemento fundamental nos espaços sagrados, entra na igreja através da caixilharia de vidro com iluminação zenital que envolve toda a lateral da edificação, proporcionando uma iluminação uniforme em toda a edificação.

Outro exemplar referencial na produção da arquitetura religiosa contemporânea é a Igreja do Jubileu (figuras 29 e 30) em Roma. Esta igreja configura uma das mais arrojadas obras arquitetônicas modernas, principalmente no segmento da arquitetura religiosa. Dedicada a Deus Pai das Misericórdias, a igreja símbolo do Jubileu de 2000 foi projetada pelo arquiteto Richard Méier. Suas linhas ousadas e o material luminoso empregado estimulam todas as experiências místicas do fiel e o convidam a se abrir espontaneamente para o céu.



FIGURAS 29 e 30 : Igreja do Jubileu
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

O templo está implantado num terreno de formato triangular, num bairro popular próximo ao centro de Roma. No vértice ao leste, situa-se o acesso principal, e contíguo ao mesmo, localiza-se o campanário. No lado oposto, fica o estacionamento. E ao sul, a esplanada que comporta ritos religiosos ao ar

livre. A porção norte é ocupada por jardins e áreas de lazer. A nave principal possui tipologia retangular longitudinal, com presbitério e altar principal ao fundo. A pia batismal e a capela do Santíssimo localizam-se nas naves laterais, espaços delimitados pelas curvas.

No volume construído, todo branco, a forma é responsável pela clara distinção de funções. O espaço sagrado, voltado para o sul, caracteriza-se pelas curvas e abriga a nave principal, capela, confessionários e altares. Ao norte, onde há um predomínio de linhas retas, formadas por sucessivas sobreposições de quadrados e retângulos, localizam-se a sacristia, centro comunitário e a casa paroquial.

Segundo o arquiteto, as curvas do espaço sacro são formadas por círculos deslocados que se materializam em conchas de concreto protendido moldadas in loco, revestidas com mármore travertino. São três curvas, que fazem alusão direta à santíssima trindade, e simbolizam a travessia da humanidade em caminho para Deus e as conchas remetem o fiel ao início da sua vida espiritual, expressando purificação pela água do batismo, e a idéia de uma igreja que se abre pra o céu. Tudo emerge de uma luminosidade clara, difusa, que provém do alto. “A arquitetura cria a possibilidade da espiritualidade, porquanto não deixa indiferente o fiel, mas o envolve, suscitando-lhe profundas emoções espirituais.” (MEIER)

Arquitetonicamente, as cúpulas das igrejas tradicionais representam o “céu”, no projeto de Méier, é a igreja toda que se abre para o infinito. Os intervalos entre as conchas são vedados por caixilhos de vidro, permitindo que uma intensa luz invada todo o recinto, diretamente do alto, iluminando tudo, e intuindo a presença mística de Deus. De acordo com a estação do ano, o tempo, a hora e a intensidade da luz, modifica-se a percepção do espaço. Durante a noite, a luz sai do interior da obra.

Sem sombra de dúvidas, a igreja do Jubileu é um marco na arquitetura religiosa contemporânea. Trata-se de uma arquitetura que apesar de possuir uma plasticidade formal totalmente arrojada e inovadora, possui elementos conceituais e simbólicos tradicionais que emocionam os fiéis.

4.3 Igrejas séc. XX e séc. XXI – Brasil

No Brasil, diferente do contexto internacional, principalmente o europeu, não possui um grande número de exemplares referenciais em termos de arquitetura religiosa católica moderna e contemporânea. Podemos citar a Igreja de São Francisco de Assis de 1940 e Catedral de Brasília de 1960, ambas projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer, como sendo as duas últimas grandes obras significativas nesse segmento com repercussão internacional.

A igreja São Francisco de Assis (figuras 31, 32 e 33), localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, pertence ao conjunto arquitetônico Pampulha. A capela é considerada a obra mais instigante do conjunto, por ser totalmente inovadora, seja do ponto de vista arquitetônico, seja pela engenharia empregada, utilizando uma casca de concreto em formato de parábola para cobrir a nave, associada a abóbadas para o abrigo das demais dependências religiosas. Esse formato, segundo o arquiteto, está associado à geografia característica de Minas Gerais, com suas montanhas sinuosas. Até aquele momento nunca havia sido construída uma igreja como aquela no Brasil. De fato, ela tornou-se um marco na própria arquitetura moderna, ao romper inclusive com os cânones do funcionalismo de Lê Corbusier¹¹.

¹¹ “(...) se o prédio do Ministério, projetado por Lê Corbusier, constituiu a base do movimento moderno no Brasil, é a Pampulha – permitam-me dizê-lo – que devemos o início da nossa arquitetura voltada para a forma livre e criadora que até hoje se caracteriza.” NIEMEYER, a forma na arquitetura, in XAVIER, Depoimento de uma geração.



FIGURAS 31, 32 e 33 : Igreja de São Francisco de Assis
 Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A arquitetura de Niemeyer foi coroada com as pinturas de Cândido Portinari no painel interno de São Francisco, na Via Sacra e azulejaria externa, com as esculturas em bronze do batistério, obra de Alfredo Ceschiatti os mosaicos externos contendo a arte abstrata de Paulo Werneck e, finalmente, os jardins externos, obra do paisagista Roberto burle Marx.

Na fachada da igreja se observa a marquise sustentada por pilares metálicos e os característicos brises-soleil que filtram a luz diurna. Na parte externa encontra-se o campanário, com sua forma peculiar quadrangular, com a base mais estreita em relação ao seu topo e com elementos vazados de madeira, que lembram as antigas treliças dos janelões coloniais. Ao se adentrar a capela de nave única com o teto abobado e ligeiramente afunilado, o olhar é logo conduzido ao longo das paredes com os quadros da Via Sacra até o altar desapegado da parede e à pintura do fundo, onde está o mural de Cândido Portinari retratando São Francisco de Assis. Um pouco antes do altar há a presença de dois ambões curvelíneos executados em mármore. Logo na entrada, e sob o coro, está o batistério com os baixos relevos em bronze, idealizados por Alfredo Ceschiatti.

A capela era tão diferente dos padrões até então conhecidos, que suscitou a incompreensão da Igreja local. A arquidiocese via na obra do arquiteto um espaço muito mais ligado ao profano do que a um ambiente de igreja, esbarrando assim no tradicionalismo. O fato é que a igreja permaneceu sem ser consagrada por muitos anos, recebendo a unção somente em abril de 1959, quatorze anos após sua inauguração.

Apesar de alguns indícios de uma influência do Movimento Litúrgico na sua arquitetura, dada a disposição do altar e a ausência de elementos mais de cunho devocional, a arquitetura da igreja da Pampulha possui elementos tradicionais barrocos, como por exemplos o desejo de conciliar pintura, escultura e arquitetura no templo para, juntas asoberbaremos fiéis e conquistarem a simpatia à Igreja. Podemos dizer, neste sentido, que Niemeyer reafirma tanto o conhecimento amplo que detém a respeito da história da arquitetura como o talento genial para criar espaços e formas atualizados às aspirações e necessidades do homem, reinventando a arquitetura religiosa nos tempos modernos a partir da tradição.

Outra obra de Niemeyer, a Catedral de Brasília (figuras 34 e 35), é completamente revolucionária, poderosa expressão da religiosidade intrínseca do brasileiro, que deveria, ter ali, um ícone religioso maior. Concebida em 1958, foi iniciada após a inauguração da Capital, em 1960, e permaneceu até 1970, apenas lançada, absoluta, sobre a linha do horizonte, em contraste formal com os repetitivos edifícios dos ministérios que lhe fazem fundo.



FIGURAS 34 e 35 : Catedral de Brasília
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

Seduzido mais uma vez pela liberdade de criação permitida pelo edifício religioso, analogamente à capela por ele concebida, para o conjunto da Pampulha na década de 40 como vimos, Niemeyer fez da solução técnica plasticamente livre e tecnicamente ousada a síntese arquitetônica entre monumentalidade, simbolismo e função social de uma catedral. Formalmente, a catedral carrega-se de nuances ainda mais surpreendentes que são Francisco de Assis, pela necessidade de conceber uma grande estrutura, já que não se tratava mais de pequena capela de bairro, mas do templo maior de uma cidade, que reuniria no seu interior sagrado, multidão de fiéis.

A catedral possui estrutura de concreto que ascende aos céus, simples e compacta, diáfana e vigorosa, fazendo-a verdadeira, pelo ímpeto de, por si só, definir totalmente, o significado do edifício. “ (...) diferente de todas as catedrais do mundo, uma expressão da técnica do concreto armado e do pré-fabricado, suas colunas foram concretadas no chão, para depois criarem juntas o espetáculo arquitetural”. (NIEMEYER, 2000, p.43).

O corpo principal é destinado tanto à celebração eucarística em massa quanto à experimentação íntima do sagrado, tocando ambas as dimensões de uma catedral. Constitui-se por esquema circular de 3m abaixo do nível da esplanada, com capacidade para quatro mil fiéis em 70m de diâmetro, coberto pela estrutura, parede e cúpula, que liga interior com cerca de 40m de pé-direito.

Tendo por base um círculo imaginário derivado do centro, agrupam-se tangencialmente, o altar, em forma de elipse ligeiramente elevada, a massa retangular formada por pequenos cubos brancos, posta a direita, em lugar dos tradicionais bancos, e o púlpito e o coro, ambos cones de base elíptica situados em oposição diametral: o primeiro, menor e mais baixo, fica à direita do altar e de frente para a congregação, sendo o coro, volume maior e bastante elevado, à esquerda, desde onde os cantores tecem cânticos de louvor ao céu imponderável que avistam, pelos vidros, em posição privilegiada. Em torno

desse “centro”, um espaço periférico vazio serve tanto como extensão da nave quanto marco de passagem da esfera pública à celebração íntima possível nas capelas subsidiárias, colocadas nas extremidades do esquema circular.

Desde a periferia, o plano circular permite aos fiéis poderem ver e ouvir, claramente, a celebração, porque continuam próximos do altar, sentindo-se, verdadeiramente, partícipes do culto, ao invés de distantes espectadores. No centro, eucaristia, palavra, canto e congregação colocam-se em harmoniosa ligação. O altar se destaca pelo efeito da estrutura que ascende aos céus em gesto redentor, e pela luz que banha de claridade celeste o recinto sagrado e permite sentir a onipresença divina, transbordando o todo de matizes entre coloridos e azuis dos vitrais.

O batistério localiza-se no subsolo, que também assume esquema circular, conectando-se com a nave por corredor subterrâneo e com o exterior por escada helicoidal e por uma passagem, posta no túnel de acesso ao recinto eclesiástico. Por sua vez, o bloco contendo a sacristia, salas auxiliares de culto e escritórios eclesiásticos, ocupa porção separada e enterrada, estando ligado ao corpo principal por outro corredor subterrâneo.

Já a solução dada ao acesso é recurso original que proporciona um dos mais poderosos efeitos plásticos e psicológicos proporcionados pela arquitetura para a experimentação do sagrado em todos os tempos. O arquiteto descartou, recursos tradicionais como nártex, átrio e a própria porta maciça e visível dos templos tradicionais, para construir túnel subterrâneo que faz gradual e surpreendente aproximação desde fora ao interior do templo. Seguindo o caminho ladeado pelas estátuas dos evangelistas, feitas por Ceschiatti, o fiel toma contato com o túnel estreito e escuro, onde uma rampa, o leva abaixo para, depois de alguns metros de caminhada, atingir o recinto esplendorosamente transbordante de luz e cor.

Ao analisarmos a catedral de Brasília também percebemos a presença preceitos tradicionais na sua concepção, como por exemplo, o jogo de luz e os vitrais, que podem ser associados ao espírito gótico, no qual a luz passara a ser o símbolo fundamental para evocar a comoção religiosa.

Podemos dizer, neste sentido, que Niemeyer, tanto na Igreja da Pampulha, quanto na Catedral de Brasília, reafirma tanto o conhecimento amplo que detém a respeito da história da arquitetura como o talento genial para criar espaços e formas atualizados às aspirações e necessidades do homem, reinventando a arquitetura religiosa nos tempos modernos a partir da tradição.

Outra Igreja, também referência em termos de arquitetura religiosa, concebida em meados do século XX, é a Igreja Nova das Romarias (figuras 36 e 37), localizada no santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade, em Caeté, Minas Gerais.

Projetada em 1960 pelo arquiteto Alcides da Rocha Miranda, a Igreja Nova das Romarias possui arquitetura ímpar, pautada nos princípios dos movimentos reformistas. A igreja está implantada no topo da Serra da Piedade, em platô de cota mais baixa que o conjunto mais antigo, perfeitamente integrada à paisagem. Segundo o arquiteto, a forma como a edificação foi implantada, é o elemento principal de sua arquitetura. A edificação possui arquitetura em estilo contemporâneo com linhas arrojadas, com aberturas em voltadas para a vista circundante, comportando 3000 pessoas. Uma esbelta cruz metálica assinala o início do novo adro. Este tem proporções tão grandes que, além de conter o grande contingente de romeiros, sem dúvida constitui elemento de transição entre a imponência da natureza circundante e a grandiosidade da obra construída.



FIGURAS 36 e 37 : Igreja Nova das Romarias
Fonte: fotos do autor

Sua arquitetura é definida por um conjunto de planos, que, basicamente, criam uma nave única, com cobertura em concreto armado, em forma de pirâmide pentagonal, sobre a nave, articulada com dois outros planos, com inclinações ascendentes na entrada, e descendentes na parte posterior. Suas arestas multidirecionais são quase uma transição geométrica das formações geológicas pontiagudas que constituem o plano de fundo. Internamente três dos planos da cobertura são em colméia, outros dois são lisos e se apóiam em grandes vigas que descem do vértice até os pilares. No alto, uma diferença de planos permite, também, um jorro de luz natural, que incide sobre o altar.

O altar encontra-se localizado no centro da edificação, marcado pelo pilar central de sustentação da cobertura piramidal, atrás o qual está a capela do Santíssimo. A posição do altar, bem como a disposição dos bancos da assembleia, proporciona a tão almejada, pelo Movimento Litúrgico e pelo Concílio Vaticano II, aproximação dos fiéis na celebração. Com relação às vedações, as paredes são cobertas por azulejos decorados, mostrando uma composição baseada em motivos teológicos, de autoria do artista plástico Cláudio Pastro. E também em vidro temperado, que garante a transparência desejada e conseqüente visibilidade da belíssima paisagem do entorno.

Merecem destaque as preocupações que presidiram ao projeto, isto é, que a construção, em estilo contemporâneo e de linhas arrojadas, não competisse com a antiga igreja datada de 1756, localizada também no topo da serra e platô mais elevado. Uma simples reflexão sobre as soluções arquitetônicas de ambas as igrejas permite que sejam feitos inúmeros confrontos, mas os mais significativos se referem, basicamente, a suas formas e funções específicas, já que, estilisticamente, ambas trazem as marcas, em seus elementos construtivos, dos respectivos séculos em que foram construídas: a ermida, respeitando o estilo das construções em voga nas minas do sec XVIII, e a nova igreja, em perfeita harmonia com os postulados da arquitetura moderna. Enquanto a antiga se mostra pequena, fechada, introvertida, a igreja auditório se apresenta em grandes proporções, aberta a paisagem circundante, extrovertida.

A Capela que será analisada a seguir pode ser considerada um dos mais belos exemplares da arquitetura religiosa católica do século XXI no Brasil. Trata-se da Capela de Nossa Senhora da Conceição (figuras 38 e 39), mais conhecida como Capela Recife, projetada em 2004, pelos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Eduardo Colonelli. A igreja foi concebida a partir das ruínas de um casarão do século XIX, localizado numa fazenda em Recife.



FIGURAS 38 e 39 : Capela Recife
Fonte: <http://www.google.com.br/images>

O partido retangular longitudinal proposto pelos arquitetos desenvolve-se através de alpendres seqüenciais de mínima intervenção no restabelecimento da condição de abrigo, conforme sugerido pelas ruínas do antigo casarão. Da construção antiga sobraram apenas as paredes de pedra, envoltas por trechos da arcada feita com blocos cerâmicos.

Em sintonia com o conceito de mínima intervenção, a capela surgiu a partir da reprodução do terraço externo nos interiores, já que, distanciadas cerca de 80 centímetros em relação às alvenarias de pedra, divisórias altas de vidro transparente passaram a delimitar internamente o novo uso. Desta forma, a

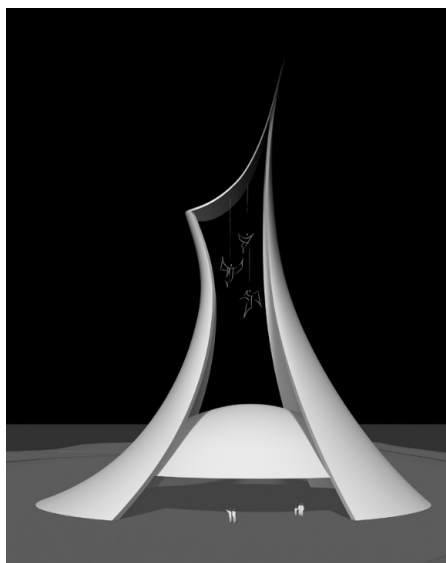
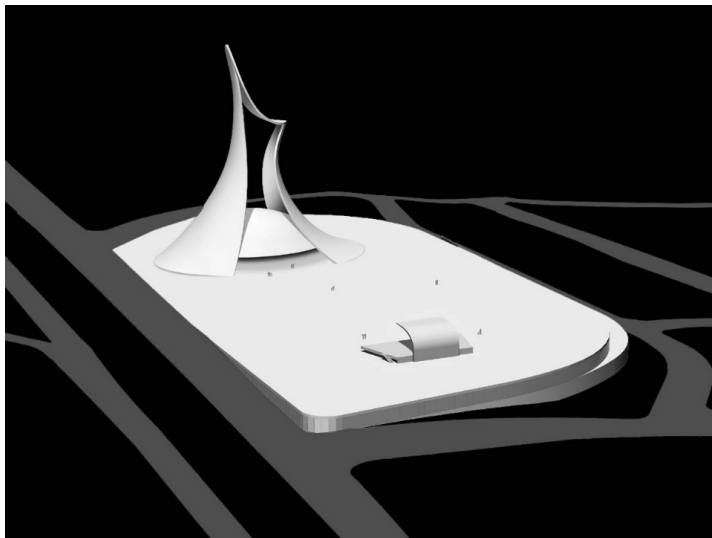
capela é contornada por corredor aberto e coberto que, transparente, faz a mediação entre os espaços internos e externos. Destaca-se a implantação angular dos painéis, soltos do teto, que aprimoram os reflexos da luz natural incidente. Os diversos materiais empregados: pedra, aço e concreto aparente convivem em plena harmonia, marcando épocas distintas.

Dois robustos pilares, com oitenta centímetros de diâmetro cada um, funcionam como elementos de sustentação da laje e também de setorização interna. Em torno deles se organizam o altar, o púlpito e o acesso à sacristia subterrânea, assim como, na outra extremidade longitudinal, o coro, implantado no mezanino.

A cobertura, intervenção minimalista, é feita com concreto protendido. Sua laje plana se restringe à exata projeção das paredes restauradas, sem, contudo, utilizá-las como superfícies de apoio. Evidencia-se, ao contrário, o distanciamento através de frestas regulares que percorrem todo o perímetro da edificação.

O campanário, corado com uma cruz, está localizado na parte externa, se conecta à edificação através de uma viga em concreto, e se faz presente, devido a sua verticalidade.

Outra igreja do século XXI que merece ser registrada nesta pesquisa é a proposta de Niemeyer para a catedral metropolitana de Belo Horizonte, a Catedral Cristo Rei, a ser implantada na Linha Verde, próximo ao centro administrativo da capital mineira, também projetado por Niemeyer. O projeto para a catedral está em fase de desenvolvimento, sendo apresentado apenas o estudo preliminar volumétrico (figuras 40 e 41). Segundo informações fornecidas pela arquidiocese de Belo Horizonte, a edificação estará construída até 2014. Cabe neste estudo, o registro deste projeto.



FIGURAS 40 e 41 : Catedral de Cristo Rei
Fonte: imagens fornecidas pela Arquidiocese de BH

5 CONCLUSÃO

Na introdução foi apresentado o objetivo motriz desta dissertação: apreender e compreender a produção do espaço sagrado católico na a partir do século XX, verificando as permanências simbólicas, se é que elas existem, e as conquistas formais e funcionais alcançadas pelos arquitetos nesse período, no sentido de solver o inquietante problema de dar forma e representação pertinentes e inovadoras ao templo, em tempo dito “dessacralizado” porque materialista, egocêntrico e espiritualmente plural. Para tanto, foram analisados vários exemplares da arquitetura religiosa em países distintos, com o propósito de conseguir através dessas igrejas, mapear e registrar a produção da arquitetura religiosa em vários locais.

No início de minha pesquisa, parti da hipótese de que havia uma grande perda de significado e de qualidade espacial do programa religioso na lógica capitalista e materialista da sociedade contemporânea, pois, percebemos hoje, a presença cada vez maior de “galpões” substituindo as igrejas, ou igrejas que se perdem no cenário urbano. Passamos por elas e muitas vezes não percebemos sua existência. Ouvimos dizer que o divino está “banalizado”, e que para o homem moderno não há mais valores espirituais permanentes. Hoje, o ser esquece o sagrado e as religiões esvaziam seu sentido nas preocupações mundana, onde o homem abole os valores imateriais para viver o fluxo fugaz dos acontecimentos. Diante do exposto surgiram vários questionamentos que motivaram a pesquisa como: o que aconteceu com a arquitetura religiosa contemporânea? Será que o homem contemporâneo realmente necessita de um espaço sagrado, seus significados e simbolismos? Ou sua fé "que é algo interior" já basta, onde o próprio corpo é o próprio espaço sagrado, e, portanto, as reuniões, ritos, celebrações podem ser feitas em "qualquer local"?

Por se tratar de um mestrado em arquitetura, e devido à minha formação, me contive em analisar a produção da arquitetura religiosa a partir do século XX e

seus conflitos, do ponto de vista arquitetônico, deixando questões filosóficas e antropológicas como sugestão de temas para outras pesquisas.

No decorrer de minha pesquisa fui contratada como arquiteta pela Arquidiocese de Belo Horizonte, no departamento de projetos, construção, obras e manutenção – DPCOM - o que foi muito importante para o andamento desta pesquisa, pois passei a trabalhar na prática com o tema proposto. A partir do trabalho na arquidiocese, em conjunto com minha pesquisa, pude perceber de imediato e claramente que o homem contemporâneo realmente necessita de um espaço sagrado e dos elementos simbólicos, materializados na concepção desse espaço, pois há uma demanda constante e crescente de construções e/ou ampliações de igrejas em Belo Horizonte, principalmente nas periferias. Na arquidiocese de Belo Horizonte, por exemplo, são mais de 260 paróquias com aproximadamente 10 comunidades cada, o que equivale a mais de 2.000 igrejas edificadas, e a demanda por novas construções, como disse é contínua. Pude perceber também que apesar do homem moderno viver numa sociedade “aparentemente” conturbada e individualista, ele busca um refúgio espiritual no qual ele se apóia para conseguir suportar seus problemas e o caos da vida moderna. Não há como negar a importância psicológica e espiritual dos lugares em que as pessoas tem uma experiência especialmente profunda do sagrado.

Apesar de – na arquidiocese de Belo Horizonte¹² - haver um grande número de igrejas e uma demanda concreta por novas construções, não necessariamente, podemos dizer há uma qualidade espacial e que todas as edificações religiosas são belas, harmônicas e dotadas de simbolismos. Posso dizer que muitas igrejas são construídas sem a presença e orientação de um profissional qualificado, no caso um arquiteto e/ou engenheiro. As igrejas, em sua grande maioria, encontram-se “envelopadas” pela nova escada de cidade e abandonam e/ou “banalizam” a presença dos elementos simbólicos tradicionais como por exemplo, a torre sineira, que permite a edificação se destacar no

¹² Cito a Arquidiocese de Belo Horizonte devido ao fato de ser meu contexto de trabalho, mas o mesmo ocorre em outras dioceses, principalmente nas grandes cidades.

cenário urbano, servindo de referencial urbano. Passamos em frente a várias igrejas e não percebemos sua existência. Para exemplificar temos:



FIGURA 42 : Paróquia São Dimas – Serrano – BH / MG
Capela São Judas Tadeu
Fonte: fotos do autor



FIGURA 43 : Paróquia Nossa Sra. Aparecida – Betim / MG
Fonte: fotos do autor



FIGURA 44 : Paróquia Jesus Ressuscitado – Lindéia – BH / MG
Comunidade Nossa Senhora da Conceição
Fonte: fotos do autor

Muitas vezes alguém da paróquia ou o próprio padre fazem um croquis de uma igreja, e as mesmas são construídas em mutirão ou a longo prazo, devido a falta de recursos. Vejo que a falta de recursos é um grande problema, mas não se justifica¹³. Muitas soluções arquitetônicas podem ser dadas com um baixo custo. Estas igrejas, principalmente nas periferias, são construídas até hoje, na maioria das vezes, seguindo os estilos do passado, ou sem qualquer solução formal estudada ou elaborada, salvo raras exceções. No caso das catedrais e de igrejas localizadas em pontos estratégicos e nobres no cenário urbano acontece o contrário. Percebemos a presença de grandes obras, como por exemplo: a Igreja de São Francisco de Assis na Pampulha, e o projeto para Catedral Cristo Rei em Belo Horizonte. Neste sentido, podemos concluir que a “forma ou tipologia” das igrejas está intrinsecamente relacionada, mas não necessariamente, com o perfil de quem as contrata. Se o bispo ou padre são

¹³ Gostaria de salientar que não adotei ou utilizei a falta de recursos em nenhum momento como critério para análise da produção da arquitetura religiosa ou no decorrer desta pesquisa.

mais esclarecidos, e valorizam a arquitetura, provavelmente serão contratados profissionais qualificados para a concepção dos projetos e conseqüentemente belas igrejas serão construídas.

Assim, no decorrer de minha pesquisa, percebi que minha hipótese, de que a partir do século XX, houve uma perda significativa na qualidade espacial e formal dos espaços sagrados, não é totalmente verdade. Ao selecionar as obras que foram analisadas, percebi que existe um leque imenso de exemplares de igrejas belas, harmônicas e que realmente podem ser consideradas arquiteturas sagradas, pois conseguem emocionar e transportar os fiéis para um encontro consigo mesmo e com um Deus superior. A medida que minha pesquisa avançava, e até hoje, me deparo e descubro novos grandes projetos, o que dificultou em muito a seleção das igrejas estudadas.

No capítulo 2, que consiste numa parte historiográfica desta pesquisa, percebemos que o pensamento simbólico e o uso de elementos simbólicos é essencial para o ser humano, uma vez que o estudo do simbolismo ajuda no conhecimento do homem consigo mesmo, permitindo-o encontrar um lugar no universo, ou seja, a missão dos símbolos é dar sentido à vida do homem. Percebemos também, que no decorrer do tempo os espaços sagrados vem se modificando de acordo com a sociedade e o contexto cultural no qual se enquadram. As atitudes dos cristãos em relação aos espaços sagrados também tem variado ao longo da história, indo desde o “templocentrismo”, que considera o santuário como um lugar dotado de virtudes especiais, até o desinteresse pelos espaços religiosos em si mesmos. Os templos de todas as épocas, sejam medievais, clássicos ou barrocos, de pedra ou de madeira, comportam todos, elementos simbólicos de temor e respeito, de efusão e mistério, sem o qual não reconhecemos o sagrado. O estudo do período gótico pautado na escolástica e o barroco com o Concílio de Trento foram fundamentais para definirmos os elementos simbólicos como o uso da luz, o campanário (volumetria), a organização da nave (tipologia), a disposição do altar e os equipamentos eclesiásticos (espaço ritual), e conseqüentemente analisar a produção do espaço sagrado na contemporaneidade.

No capítulo seguinte vimos que devido a várias questões, a Igreja se viu diante de vários conflitos e que houve a necessidade de um novo concílio capaz de resgatar seus conceitos e princípios tradicionais e ditar as novas normas diretrizes para a Igreja. Houve então o Movimento Litúrgico e posteriormente o Concílio Vaticano II, último concílio, suas regras e diretrizes são válidas até os dias de hoje. Podemos concluir que as duas grandes mudanças advindas com os movimentos reformistas, e que se refletem diretamente na concepção dos espaços sagrados, são: a missa que passa a ser rezada na língua local, com o padre voltado para os fiéis, e a posição central que o altar assume. Essas novas diretrizes tem o objetivo de permitir uma maior participação ativa da assembleia na liturgia, aproximado os homens o mais possível do que a Igreja era na sua natureza, mais profunda, isto é, do seu ser sacramental e das suas celebrações litúrgicas, ao mesmo tempo em que lhes ensinava que a Igreja é o “corpo místico” de Cristo, ou seja, o mistério do Cristo que continua a sua existência humana.

Em conjunto com os movimentos reformistas, o movimento moderno também foi fundamental para concepção da nova arquitetura religiosa. Os novos materiais e técnicas construtivas, principalmente o concreto armado e a estrutura metálica, mudaram de vez as concepções formais e tipológicas das igrejas contemporâneas. Ao analisarmos as obras, percebemos que não existe uma tipologia única ou fórmula para a construção das igrejas e que apesar a austeridade, simplicidade e sobriedade das formas modernistas, os elementos simbólicos permanecem e são essenciais. São através dos elementos simbólicos como o uso da luz para criar uma atmosfera mística e sobrenatural, o campanário, a disposição da nave, agora com o altar central permitindo maior participação da assembleia, a torre sineira ou campanário, dentre outros, que as igrejas realmente se configuram como um espaço sagrado. Tendo como exemplo citado nesta pesquisa a Igreja do Jubileu do arquiteto Richard Meyer. Esta igreja, mesmo moderna e com formas e inovadoras, os elementos simbólicos aparecem vivificados, concretizando e reafirmando os conceitos da “sagrado” em sua arquitetura. Podemos concluir que nunca houve tantas diversas e ricas experimentações funcionais, tipológicas, simbólicas e

compositivas dedicadas a estabelecer a linguagem pertinente ao templo da modernidade, ampliando, como antes não visto, as interpretações possíveis do sagrado e o modelo de concretizá-las.

Acredito que com a realização deste trabalho, consegui mapear e registrar a produção da arquitetura religiosa a partir do século XX, servindo como um referencial de consulta para o fazer projetual nesse segmento. Não tenho a pretensão de atingir o grau de verdades absolutas em quaisquer de seus aspectos, como referido no início, não só porque, “a modernidade é projeto inacabado”, como lembrou Habermas, mas especialmente, “(...) porque a constelação de igrejas e capelas que há vinte e um séculos se constroem pelo mundo não se alicerça tão só nos profundos baldrames de pedra, mas, principalmente, na solidez imaterial de uma idéia inteiriça” (Muller, 2007), complexa e difícil de ser compreendida, se antes de tudo não for sentida.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, Edin Sued. *Ciências sociais e religião*. Porto alegre, ano2, n.2, p.177-190, set. 2000.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- ANSON, Peter. *A construção de Igrejas*. Rio de Janeiro: Renes, 1969
- As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos – Iniciação Cristã
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Ed. Record, vol. I e II, 1984
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. Barcelona: Gustavo Guili, 1979.
- _____. *Arquitetura no novo milênio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- BUYST Ione. Eucaristia: Uma nova prática e uma nova teologia. In: *Revista de Liturgia* n. 172, 2002, p. 4-8.
- CARSALADE, Flávio de Lemos. *Pampulha*. Belo Horizonte: Conceito, 2007.
- Código de Direito Canônico. São Paulo; edições Loyola, 2005.
- Collins, Peter. *Los ideales de La arquitectura moderna su evolucion (1750-1950)*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989
- COMBI, Jean. *História da Igreja*. Vol. 1 e 2 . São Paulo: Paulinas, 1975
- COPOLA, Soraya Aparecida Álvares. *Costurando a memória: o acervo têxtil do museu arquidiocesano de arte sacra de Mariana*. 2006. Dissertação de Mestrado da Escola de Belas Artes, UFMG. Belo Horizonte, 2006.
- COSTA, Lúcio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

DANGELO, André Guilherme Dornelles. *A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres-de-obra e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais setecentistas*. 2006, 4 vol. Tese de doutorado UFMG. Belo Horizonte, 2006.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil. 1970

FÍGOLI, Leonardo H. G.. *A paisagem como dimensão simbólica do espaço: o mito e a obra de arte*. Recife: Anais da XXIV Reunião da ABA, 2004.

FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FRAMPTON, Kennedy. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FRANÇA, Eduardo Oliveira. *Complexidade, lugar e cultura: a arquitetura de Lina Bo Bardi como mediadora entre os sujeitos e suas manifestações*. 2009. 132f. Dissertação de Mestrado da Escola de Arquitetura, UFMG. 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação da culturas*. In: *A religião como sistema cultural*. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1978.

INSTRUÇÃO GERAL sobre o Missal Romano. Petrópolis, Vozes, 2004.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva 2000.

LUTZ, G. *Teologia do templo*. In: *Liturgia ontem e hoje*. São Paulo: Paulus. P 45-48, 1995

MARTMORT, A. G. *Os lugares sagrados*. In: *A Igreja em oração*. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARX, Murillo. *Nosso chão: do sagrado ao profano*. São Paulo: Edusp, 1989.

MENEZES, Ivo Porto de. *Arquitetura Sagrada*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MULLER, Fábio. *O tempo cristão na modernidade: permanências simbólicas e conquistas figurativas*. 2006. Dissertação de mestrado UFRGS. Porto Alegre: 2006.

NIEMEYER, Oscar. *Minha experiência em Brasília*. Rio de Janeiro, Vitória, 1961.

_____. *Minha arquitetura*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

O local da celebração: arquitetura e liturgia. São Paulo: Paulinas, 2001.

ORCHSÉ, Madeleine. *Um arte sacra para nosso tempo*. São Paulo: Flamboyant, 1960.

PASTRO, Cláudio. *Guia do espaço sagrado*. São Paulo: edições Loyola, 2001.

_____. *Arte sacra: o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola, 1993.

PEVSNER, Nicolau. *Panorama da Arquitetura Ocidental*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SEBASTIAN, Santiago. *Mensaje Simbólico del Arte Medieval*. Barcelona: Encuentro Ediciones, 1996.

SCHNELL, Hugo. *La Arquitectura Eclesial del Siglo XX em Alemania*. Munich-Zurich, Schnell & Steiner, 1974

SCHUBERT, Guilherme Mons. *Arte para a fé: igrejas e capelas depois do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1998

SCHULZ-NORBERG, Christian. *Arquitectura Barroca tardya y rococó*. Trad. Luis Escolar Barenó. Madrid: Aguilar, 1972.

_____. *Arquitectura occidental: la arquitectura como historia de formas significativas*. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

_____. *Existência, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blume, 1980.

_____. *Intenciones em arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

SEGAWA, Hugo. CARSALADE, Flávio de Lemos. LEMOS, Celina. CASTRIOTA, Leonardo Barci. DOURADO, Guilherme Mazza. ONO, Haruyoshi. MACEDO, Danilo Matoso. COMAS, Carlos Eduardo. CAMPELLO, Glauco de Oliveira. *Igreja da Papulha: restauro e reflexões*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

Símbolos Litúrgicos. Petrópolis: Vozes , 3 ed., 2000.

STRICKLAND, Carol . *Arquitetura comentada: uma breve viagem sobre a história da arquitetura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VATICANO II. Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia”. In: *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 259-306.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXO A

Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II

Terça-feira, 7 de Dezembro de 1965

Veneráveis Irmãos,

Concluímos hoje o Concílio Ecumênico Vaticano II e concluímolo na plenitude do seu vigor e da sua eficiência. A vossa presença tão numerosa demonstra-o, a ordenada estruturação desta assembléia atesta-o, o legítimo epílogo dos trabalhos conciliares confirma-o, e a harmonia de sentimentos e propósitos proclama-o. Se não poucas questões, postas no decorrer do Concílio, ainda aguardam uma solução conveniente, isto indica sem dúvida que o Concílio não conclui os seus trabalhos no meio do esgotamento de forças, mas antes no meio do entusiasmo que despertou. No período pós-conciliar, se Deus quiser, ele voltar-se-á de novo para estas questões com todo o empenho. Este nosso Concílio deixará à posteridade a imagem da Igreja que esta Aula representa, assim repleta de Pastores que professam a mesma fé, e respiram a mesma caridade, que estão unidos pela comunhão de oração, de disciplina, de entusiasmo. Como isto é maravilhoso, todos desejarem uma só coisa: oferecer-se como Cristo, nosso mestre e Senhor, pela vida da Igreja e pela salvação do mundo. O Concílio, porém, não deixa apenas à posteridade a imagem da Igreja, mas também o patrimônio da sua doutrina e dos seus mandamentos, isto é, o depósito que Cristo lhe confiou, depósito que no decurso dos tempos os homens sempre meditaram, transformaram por assim dizer, no próprio sangue e exprimiram de algum modo no seu viver; depósito que agora, aclarado em muitos pontos, foi estabelecido e ordenado na sua integridade. Este depósito vivo pela divina virtude da verdade e da força que o constituem, deve ser considerado apto para vivificar todo o homem que o acate piedosamente e dele alimente a sua própria vida.

O que foi este Concílio, e o que fez, seria o tema desta nossa meditação final. Mas isso pediria demasiada atenção e tempo, e não ousamos nesta hora

última e solene fazer uma síntese de tão importante matéria. Preferimos perguntar a nós mesmos qual foi a importância religiosa do nosso Concílio. Com esta expressão, entendemos significar as nossas relações com Deus, que bem declaram a existência da Igreja, a sua fé, a sua esperança, o seu amor, o que ela é, o que ela faz.

Podemos confessar que demos glória a Deus, que buscamos o seu conhecimento e o seu amor, que adiantamos no esforço da sua contemplação, na ânsia da sua celebração, na arte de o dar a conhecer aos homens que nos olham como Pastores e mestres dos caminhos do Senhor?

Acreditamos sinceramente que sim, até porque foi esta a intenção inicial e fundamental donde nasceu o propósito de celebrar o Concílio. Ressoam ainda, nesta Basílica de S. Pedro, as palavras pronunciadas no discurso inaugural do mesmo Concílio, pelo nosso predecessor de feliz memória, João XXIII, em quem, com toda a razão, podemos ver o autor deste Concílio Ecumênico. Dizia então aquele Pontífice: «O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz... O Senhor disse: «Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça». Esta palavra «primeiro» exprime, antes de mais, em que direção devem mover-se os nossos pensamentos e as nossas forças».

E o acontecimento correspondeu exatamente àquela idéia. Para o apreciarmos devidamente, é necessário recordar o tempo em que se levou a cabo este acontecimento: foi num tempo em que, como todos reconhecem, os homens estão voltados mais para a conquista da terra do que para o reino de Deus; foi num tempo em que o esquecimento de Deus se torna habitual, como se os progressos da ciência o aconselhassem; foi num tempo em que o ato fundamental da pessoa humana, mais consciente de si e da sua liberdade, tende a exigir uma liberdade total, livre de todas as leis que transcendam a ordem natural das coisas; foi num tempo em que os princípios do laicismo aparecem como a consequência legítima do pensamento moderno e são tidos quase como norma sapientíssima segundo a qual a sociedade humana deve

ser ordenada; foi num tempo em que a razão humana pretende exprimir o que é absurdo e tira toda a esperança; foi num tempo, finalmente, em que as religiões étnicas estão sujeitas a perturbações e transformações jamais experimentadas. Foi neste tempo que se celebrou o nosso Concílio para glória de Deus, em nome de Cristo, com a inspiração do Espírito Santo que «tudo perscruta» e que continua a ser a alma da Igreja, «para que conheçamos os dons de Deus», quer dizer, fazendo com que a Igreja conheça profundamente sob todos os aspectos a vida humana e o mundo. Mercê deste Concílio, a doutrina teocêntrica e teológica sobre a natureza humana e sobre o mundo, atrai a si a atenção dos homens, como se desafiasse aqueles que a julgam anacrônica e estranha, e tais coisas se arroga que o mundo qualificará, de início, como absurdas, mas que depois, assim o esperamos, reconhecerá espontaneamente como humanas, como prudentes e salutares, a saber: Deus existe. Sim, Deus existe, realmente existe, vive, é pessoal, é providente, dotado de infinita bondade, não só bom em si mesmo, mas imensamente bom para nós, é o nosso criador, a nossa verdade, a nossa felicidade, de tal modo que o homem, quando procura fixar em Deus a sua mente e o seu coração, entregando-se à contemplação, realiza o ato que deve ser considerado o mais alto e mais perfeito. Ato, que mesmo hoje pode e deve hierarquizar a imensa pirâmide da actividade humana.

Dirá alguém que o Concílio, mais do que das verdades divinas, se ocupou principalmente da Igreja, da sua natureza, da sua estrutura, da sua vocação ecumênica, da sua actividade apostólica e missionária. Esta secular sociedade religiosa que é a Igreja esforçou-se por pensar sobre si mesma, para melhor se conhecer, melhor se definir e, conseqüentemente, melhor dispor os seus sentimentos e os seus preceitos. Isto é verdade. Mas esta introspecção não foi o único fim que teve em vista, não foi uma ostentação de pura cultura terrena. A Igreja, com efeito, entrando em si mesma, penetrou no íntimo da sua consciência não para se comprazer em eruditas análises sobre a psicologia religiosa ou a história das suas coisas, ou para intencionalmente reafirmar os seus direitos ou formular as suas leis. Fez isto para encontrar em si a palavra de Cristo, viva e operante no Espírito Santo, e para sondar mais

profundamente o mistério, ou seja, o desígnio e a presença de Deus fora e dentro de si, e para reavivar em si o fogo da fé, que é o segredo da sua segurança e da sua sabedoria, e reavivar o fogo do amor, que a obriga a cantar sem descanso os louvores de Deus, porque, como diz Santo Agostinho: «Cantar é próprio do amante». Os documentos conciliares, principalmente os que tratam da Revelação divina, da liturgia, da Igreja, dos sacerdotes, dos religiosos, dos leigos, permitem ver diretamente esta primordial intenção religiosa e demonstram quão límpida, fresca e rica é a veia espiritual que o vivo contacto com Deus vivo faz brotar no seio da Igreja e correr sobre as áridas glebas da nossa terra.

Mas não é lícito omitir algo que é da maior importância quando examinarmos o significado religioso deste Concílio: isto teve ele, a peito perscrutar o mundo deste nosso tempo. Nunca talvez como no tempo deste Concílio a Igreja se sentiu na necessidade de conhecer, avizinhar, julgar retamente, penetrar, servir e transmitir a mensagem evangélica, e, por assim dizer, atingir a sociedade humana que a rodeia, seguindo-a na sua rápida e contínua mudança. Esta atitude, nascida pelo fato de a Igreja, no passado e sobretudo neste século, ter estado ausente e afastada da civilização profana, esta atitude, sempre inspirada pela essencial missão salvadora da Igreja, esteve presente eficaz e continuamente no Concílio. Por isso é que alguns suspeitaram que nos homens e nos atos do Concílio tinha dominado mais do que era justo e com demasiada indulgência a doutrina do relativismo que se encontra no mundo externo, nas coisas que passam fugazmente, nas novas modas, nas necessidades contingentes, nos pensamentos dos outros, e isto à custa da fidelidade devida à doutrina tradicional e com prejuízo da orientação religiosa que necessariamente é própria de um Concílio. Julgamos que não lhe deve ser atribuída esta atitude perniciosa, se bem atendermos às suas verdadeiras e misteriosas intenções e às suas autênticas manifestações.

Desejamos antes notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade. Por esta sua declarada intenção, o Concílio não poderá ser acusado por ninguém de irreligiosidade, de infidelidade ao Evangelho, se nos

lembrarmos que o próprio Cristo nos ensina que todos conhecerão que somos seus discípulos, se nos amarmos mutuamente. Se deixarmos igualmente que estas palavras do Apóstolo se façam ouvir dentro das nossas almas: « A religião pura e imaculada junto de Deus Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e conservar-se imaculado neste mundo», e mais estas: «Quem... não ama o seu irmão, a quem vê, como pode amar alguém que não vê?

Na verdade, a Igreja, reunida em Concílio, entendeu, sobretudo fazer a consideração sobre si mesma e sobre a relação que a une a Deus, e também sobre o homem, o homem tal qual ele se mostra realmente no nosso tempo: o homem que vive, o homem que se esforça por cuidar só de si, o homem que não só se julga digno de ser como que o centro dos outros, mas também não se envergonha de afirmar que é o princípio e a razão de ser de tudo. Todo o homem fenoménico — para usarmos o termo moderno — revestido dos seus inúmeros hábitos, com os quais se revelou e se apresentou diante dos Padres conciliares, que são também homens, todos Pastores e irmãos, e por isso atentos e cheios de amor. O homem que lamenta corajosamente os seus próprios dramas. O homem que não só no passado, mas também agora julga os outros inferiores, e, por isso, é frágil e falso, egoísta e feroz. O homem que vive descontente de si mesmo, que ri e chora. O homem versátil, sempre pronto a representar. O homem rígido, que cultiva apenas a realidade científica. O homem que como tal pensa, ama, trabalha, sempre espera alguma coisa, à semelhança do «filius accrescens». O homem sagrado pela inocência da sua infância, pelo mistério da sua pobreza, pela piedade da sua dor. O homem individualista, dum lado, e o homem social, do outro. O homem « laudator temporis acti», e o homem que sonha com o futuro. O homem por um lado sujeito a faltas, e por outro adornado de santos costumes, e assim por diante. O humanismo laico e profano apareceu, finalmente, em toda a sua terrível estatura, e por assim dizer desafiou o Concílio para a luta. A religião, que é o culto de Deus que quis ser homem, e a religião — porque o é — que é o culto do homem que quer ser Deus, encontraram-se. Que aconteceu? Combate, luta, anátema? Tudo isto poderia ter-se dado, mas de fato não se deu. Aquela

antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente o Concílio. A descoberta e a consideração renovada das necessidades humanas — que são tanto mais molestas quanto mais se levanta o filho desta terra — absorveram toda a atenção deste Concílio. Vós, humanistas do nosso tempo, que negais as verdades transcendentais, dai ao Concílio ao menos este louvor e reconhecei este nosso humanismo novo: também nós — e nós mais do que ninguém somos cultores do homem.

Que há visto na humanidade este augusto senado? Que se propôs ele estudar à luz da divindade? Quis considerar profundamente a sua dupla fisionomia: a miséria e a grandeza do homem, o seu mal profundo, mal sem dúvida incurável, e o seu bem, que permanece, sempre marcado de misteriosa beleza e singular poder. Precisamos reconhecer que este nosso Concílio deteve-se mais nos aspectos felizes do homem que nos desditosos. Nisto ele tomou uma atitude claramente otimista. Uma corrente de interesse e de admiração saiu do Concílio sobre o mundo atual. Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardado sempre o preceito do respeito e do amor, foram apenas advertidos do erro. Assim se fez, para que em vez de diagnósticos desalentadores, se dessem remédios cheios de esperança, para que o Concílio falasse ao mundo atual não com presságios funestos, mas com mensagens de esperança e palavras de confiança. Não só respeitou, mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas, e depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços.

Vede por exemplo: como inumeráveis línguas foram admitidas para exprimir liturgicamente a palavra dos homens a Deus e a palavra de Deus aos homens. Como foi reconhecida ao homem enquanto homem a sua vocação fundamental a tantos direitos e a um destino transcendente; como as suas supremas aspirações à vida, à dignidade da pessoa, à honrada liberdade, à cultura, à renovação da ordem social, à justiça, à paz, foram purificadas e estimuladas; como a todos os homens foi dirigido o convite pastoral e missionário para receberem em si a luz do Evangelho. Tocamos muito de corrida tantos e tão

complicados problemas relativos ao bem-estar humano, de que o Concílio se ocupou. Nem o Concílio pretendeu resolver todas as questões mais urgentes da vida atual. Algumas ficaram reservadas para estudos mais profundos, que a Igreja levará depois a cabo, muitas outras foram tratadas em termos demasiado breves e gerais, e por isso admitem explicações mais profundas e aplicações diversas.

Mas convém notar uma coisa: o magistério da Igreja, embora não tenha querido pronunciar-se com sentenças dogmáticas extraordinárias sobre nenhum capítulo doutrinal, propôs, todavia, o seu ensinamento autorizado acerca de muitas questões que hoje comprometem a consciência e a atividade do homem. Por assim dizer, a Igreja baixou a dialogar com o homem; e conservando sempre a sua autoridade e a sua virtude, adotou a maneira de falar acessível e amigável que é própria da caridade pastoral. Quis ser ouvida e entendida pelos homens. Por isso, não se preocupou só com falar à inteligência do homem, mas exprimiu-se no modo hoje usado na conversação corrente, em que o recurso à experiência da vida e o emprego dos sentimentos cordiais dão mais força para atrair e para convencer. Isto é, a Igreja falou aos homens de hoje, tais quais eles são.

Uma outra coisa, julgamos digna de consideração: toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesiástico como o seu governo pastoral adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar; a idéia de serviço ocupou o lugar central.

Tudo isto e tudo o mais que poderíamos ainda dizer acerca do Concílio, terá porventura desviado a Igreja em Concílio para a cultura atual que toda é antropocêntrica? Desviado, não, voltado, sim. Mas quem observa honestamente este interesse prevalente do Concílio pelos valores humanos e temporais, não pode negar que tal interesse se deve ao caráter pastoral que o

Concílio escolheu como programa, e deverá reconhecer que esse mesmo interesse jamais está separado do interesse religioso mais autêntico, devido à caridade que é a única a inspirá-lo (e onde está a caridade, aí está Deus), ou à união dos valores humanos e temporais com os especificamente espirituais, religiosos e eternos, afirmada e promovida sempre pelo Concílio. Este debruça-se sobre o homem e sobre a terra, mas eleva-se ao reino de Deus.

A mentalidade moderna, habituada a julgar todas as coisas sob o aspecto do valor, isto é, da utilidade, deverá admitir que o valor do Concílio é grande ao menos por isso: todo ele se orientou à utilidade humana. Portanto, ninguém chame inútil a uma religião como a católica, que, ao exprimir a forma mais consciente e mais eficaz da sua ação, isto é, ao celebrar um Concílio Ecumênico, se declara toda em favor e em serviço do homem. A religião católica e a vida humana reafirmam assim a sua aliança, a sua convergência para um só bem humano, a saber: a religião católica é para a humanidade, é, por assim dizer, a vida da humanidade. É a vida da humanidade, pela doutrina sublime e de todo perfeita que oferece a respeito do homem (não é, porventura, o homem, deixado a si mesmo, um mistério para si mesmo?). E oferece-a precisamente em virtude da sua ciência a respeito de Deus: para conhecer o homem, o homem verdadeiro, o homem integral, é necessário conhecer a Deus, para o provar, basta-nos por agora recordar as palavras inflamadas de S. Catarina de Sena: «Na tua natureza, ó Deus eterno, conhecerei a minha natureza». A religião católica é a vida da humanidade, porque descreve a natureza e o destino do homem, e dá-lhe o seu verdadeiro sentido. É a vida da humanidade, finalmente, porque constitui a lei suprema da vida, e à vida infunde a misteriosa energia que faz dela uma vida verdadeiramente divina.

E se recordamos, veneráveis Irmãos e amados Filhos, todos vós que estais aqui presentes, como no rosto de todo o homem, sobretudo se tornou transparente pelas lágrimas ou pelas dores, devemos descobrir o rosto de Cristo, o Filho do Homem. E se no rosto de Cristo devemos descobrir o rosto do Pai celestial, segundo aquela palavra: «quem me vê a mim, vê também o

Pai», o nosso humanismo muda-se em cristianismo, e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem.

Estará, então, destinado este Concílio, que dedicou ao homem a sua principal e esforçada atenção, a propor de novo ao mundo moderno a libertação e a consolação a que gradualmente pode subir? Não será, em resumo, um modo simples, novo e solene de ensinar a amar o homem para amar a Deus? Amar o homem, dizemos, não como instrumento, mas como que primeiro fim, que nos leva ao supremo fim transcendente. Por isso, todo este Concílio se resume no seu significado religioso, não sendo outra coisa senão um veemente e amistoso convite em que a humanidade é chamada a encontrar, pelo caminho do amor fraterno, aquele Deus «de quem se afastar é cair, a quem dirigir-se é levantar-se, em quem permanecer é estar firme, a quem voltar é renascer, em quem habitar é viver».

Assim Nós o esperamos, no final deste Concílio Ecuménico Vaticano II, e no início da renovação humana e religiosa que ele se propôs estudar e promover; assim o esperamos para Nós, Irmãos e Padres do Concílio. Assim o esperamos para a humanidade inteira, que aqui aprendemos a amar mais e a servir melhor.

E enquanto para tal invocamos de novo a intercessão dos santos João Baptista e José, padroeiros do Concílio Ecuménico, dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, fundamentos e colunas da santa Igreja, e com eles a de S. Ambrósio, Bispo, cuja festa hoje celebramos, como que juntando por meio dele a Igreja do Oriente e do Ocidente, imploramos igualmente de todo o coração a proteção da bem-aventurada Virgem Maria, mãe de Cristo, por Nós chamada também mãe da Igreja, e com uma só voz, um só coração, damos graças e glorificamos a Deus vivo e verdadeiro, a Deus único e sumo, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.

ANEXO B

Assunto	Antes do Concílio Vaticano II	Depois do Concílio Vaticano II
Missa	Rezada em latim, com o padre voltado para o altar, de costas para os fiéis.	Rezada na língua local, com o padre voltado para os fiéis, como altar em posição central.
Sexo	Doutrina rígida, contrária ao sexo antes do casamento e ao aborto, mesmo em caso de estupro	Manteve a mesma posição.
Relacionamento com outras religiões	Desconfiança em relação aos ensinamentos de religiões não-cristãs (islamismo, judaísmo, etc.)	Aceita a idéia de que, por meio de outras religiões, também é possível conhecer Deus e a salvação.
Culto aos santos	Proliferação de "santos" criados pela crença popular e não-canonizados pela Igreja	"Santos" não-canonizados são abolidos. Cristo volta a ser o centro das atenções na missa.
Comportamento do sacerdote	Uso obrigatório da batina e de outros símbolos da Igreja. Casamento e relações sexuais são proibidos	Cai o uso obrigatório da batina: agora, os padres podem usar trajes sociais. Segue a proibição ao casamento e ao sexo.
Questões políticas	Condenação do capitalismo e esforço para evitar a "contaminação" do catolicismo por idéias comunistas.	Continua a condenação ao capitalismo e ao comunismo, mas aumenta um pouco a liberdade dos teólogos para interpretar a Bíblia.

Fonte: www.veritatis.com.br/article. Acesso em junho 2010.